PREDADOR SEXUAL Thiago Brennand diz em entrevista à ISTOÉ: "Gilson Machado é corrupto, bandido e frouxo"
EXCLUSIVO
ISTOÉ
TRÊS
VALE A PENA O VOTO ÚTIL?
O caráter excepcional da atual campanha, em que Jair Bolsonaro faz ameaças golpistas, transforma **a questão da escolha antecipada** em Lula, líder das pesquisas, num debate sobre a sobrevivência da própria democracia. A tese para **evitar o segundo turno** irrita os candidatos de centro e fere o direito de **livre escolha do eleitor,** avaliam analistas

RENAN CALHEIROS

Senador e presidente do MDB de Alagoas

"PESQUISAS ANTECIPAM ENTERRO DO BOLSONARISMO"

Por Ana Viriato

Renan Calheiros conhece como poucos os caminhos que levam ao poder na capital federal e, em 27 anos de Senado, aprendeu bem os momentos em que deve recuar ou avançar no xadrez político-eleitoral. A história recente comprova a experiência: o alagoano submergiu em 2019 quando retirou a candidatura à presidência do Salão Azul, reabilitou-se em 2021 com a CPI da Covid, e, agora, prepara-se para voltar de vez aos holofotes caso Jair Bolsonaro seja derrotado nas urnas. Principal fiador de Lula no MDB, Renan desconversa sobre um mea-culpa do aliado por casos de corrupção e faz ácidas críticas à Lava Jato, operação que chegou a lhe comprometer e, segundo ele, "entronizou um projeto nazifascista no Brasil". O senador acrescenta que Bolsonaro testa a democracia de forma ininterrupta, mas minimiza o alcance da sanha golpista do presidente nos quartéis, apontando que a ascendência sobre as Forças Armadas se limita a generais da reserva. "É um Exército de Brancaleone atordoado pelos regimentos da legalidade constitucional." O emedebista entende que o capitão busca a reeleição por medo da prisão, mas aposta que, em um movimento contrário ao de 2018, tanto ele como os aliados padecerão. "As pesquisas vão antecipando um quadro de enterro coletivo do bolsonarismo."

ACUSAÇÃO
"A PGR se comporta como cabo eleitoral para blindar Bolsonaro às vésperas das eleições", diz Renan Calheiros

Simone Tebet se destacou e alguns apostam que ela ultrapassará Ciro Gomes nas urnas. O senhor mantém o diagnóstico de que o MDB errou em lançá-la ao Planalto?

Sempre me posicionei a favor da candidatura de Lula de maneira transparente e franca. Acho muito difícil ela deslanchar, em que pese meu respeito e admiração por Simone. É um dado da realidade, não um gosto pessoal. E, sem competitividade, o MDB se transforma em um Titanic à procura de um iceberg. O risco real é comprometer o tamanho das bancadas da Câmara e do Senado e afundar o partido, como aconteceu quando chamamos Henrique Meirelles.

"A ascendência de Bolsonaro sobre as Forças Armadas se limita a generais da reserva. É um Exército de Brancaleone"

Ciro, aliás, virou um crítico voraz de Lula e condenou os laços dele com nomes do que chama de "velha política", citando o senhor. O que acha dos ataques?

Ciro Gomes é um caso crônico que já migrou para a psiquiatria e não pertence mais à política. Ele incorporou a matéria-prima mais deletéria do bolsonarismo: o ódio a Lula. Sempre disse que ele não era uma via, mas a própria contramão da política. Ele errou a mão no ataque, na defesa e no meio campo. Foi só gol contra. É um caso patológico de um ressentido. Quem teve 12% no último pleito, adota um discurso colérico, perde mais da metade dos eleitores e não avalia a própria postura só pode querer entrar para a história como o maior caso de deflação eleitoral do País.

Bolsonaro aposta na vinculação de Lula à corrupção. O ex-presidente tem de realizar uma autocrítica sobre os escândalos de governos petistas?

O Brasil precisa de uma autocrítica generalizada da perspectiva histórica, política e institucional. Lula não tem melindre em abordar esse tema. Aliás, o fez muito bem na densa entrevista que concedeu à CNN. Por que Bolsonaro amarelou? Primeiro, porque não tem conteúdo para falar por 50 minutos. Segundo, porque tem de explicar os 107 imóveis da família, sendo 51 adquiridos em dinheiro vivo. Além do banco imobiliário da família, precisaria tratar da roubalheira no MEC com barras de ouro e pastores indicados por ele próprio, do FNDE, da Codevasf, do orçamento secreto e das propinas das vacinas, comprovadas pela CPI.

O que seria a autocrítica institucional?

A autocrítica institucional deve partir do conluio entre o Ministério Público e a Justiça, que entronizou um projeto nazifascista no Brasil. Essa eleição será, sem dúvida, a primeira autocrítica do País, porque é uma modalidade de reposicionamento. A história brasileira foi fraudada despudoradamente, numa farsa envolvendo alguns pigmeus da Lava Jato e urdida para prender Lula em nome da ambição política desses criminosos togados. Lula foi preso para não ser eleito. Agora, Bolsonaro quer ser presidente para não ser preso.

Na reta final eleitoral, Lula aposta no voto útil. O incentivo à polarização tem potencial de acirrar ainda mais os ânimos?

O voto útil é a tese mais relevante nessa reta final. Lançamos modestamente em julho em entrevistas e nas nossas redes sociais o mote: "Vote útil para derrubar o inútil". Esse bordão pegou e viralizou nos noticiários e nas redes sociais, que, inquestionavelmente, têm um papel importante na disseminação das ideias e debates. Mas a polarização, todos sabem, é anterior a essa estratégia. Na média numérica entre todas as pesquisas, a diferença entre Lula e Bolsonaro se mantém estável há muito tempo. Há somente recortes regionais. No Nordeste, a surra vai ser grande. Os nordestinos, chamados de "paraíba", "cabeça chata" e "pau de arara", estão aguardando o dia da eleição para dar o troco em Bolsonaro.

Lula buscou acordos com boa parte dos ex-presidenciáveis. Fernando Collor é o único assumidamente aliado de Bolsonaro. Como o sr. avalia a postura dele?

Em Alagoas, há uma briga para ver quem morre afogado com o bolsonarismo e eu torço pela briga. Collor diz ser o candidato de Bolsonaro, enquanto Arthur Lira afirma que ninguém é mais Bolsonaro do que ele. Lula faz todos os gestos que a política recomenda, conduzindo campanha e planejando o governo pelo consenso, não pelo ódio. Por isso, a força emblemática da imagem com ex-presidenciáveis de todos os espectros políticos. Até agora, as pesquisas vão antecipando um quadro de enterro coletivo do bolsonarismo.

O que acha de Bolsonaro ter dito que se tiver menos de 60% dos votos, "algo anormal aconteceu no TSE"?

Todos sabem o que é anormal no Brasil: Jair Messias Bolsonaro. É uma anomalia, uma excrescência que será varrida das nossas vidas. As democracias passam por testes o tempo todo e vêm demonstrando ser mais sólidas do que seus inimigos visíveis e invisíveis. Eleger o Lula é apostar na pacificação e reconstrução da República. >>

FOTOS: HUGO BARRETO/METRÓPOLES; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

As Forças Armadas estão permitindo o uso político dos quartéis por Bolsonaro?

A grande maioria dos fardados compreende sua missão constitucional. Uma pequena parte de maus militares — muitos da reserva e beneficiados por salários milionários, extratetos e nepotismo — empresta a Bolsonaro essa falsa alegoria de poderio sobre as Forças Armadas. Ele tem sua Abin, seu Ministério Público e acha que tem também suas Forças Armadas. Mas tem, na verdade, um Exército de Brancaleone atordoado pelos regimentos da legalidade constitucional.

Bolsonaro disputa as eleições sem o peso da responsabilização pelos erros na condução da pandemia, identificados pela CPI da Covid. Augusto Aras prevarica?

Bolsonaro não errou, cometeu crimes. A CPI produziu uma enormidade de provas materiais, testemunhais e documentais contra o presidente. São 9,4 terabytes de provas. Tentar arquivar a apuração da CPI é a maior fake news institucional do País. A PGR se comporta como cabo eleitoral para blindar Bolsonaro às vésperas das eleições. Só que não vai adiantar. Bolsonaro será arquivado pelo eleitor e pagará, um a um, por todos os seus crimes em um futuro próximo. Não se engaveta as mais de 685 mil mortes, as mortes provocadas por asfixia na falta de oxigênio hospitalar, não se engaveta as declarações e provas da cobrança de propinas nas vacinas, não se engaveta o genocídio, não se engaveta a cloroquina, não se engaveta o ministério paralelo, não se engaveta o estímulo de Bolsonaro ao protocolo macabro da Prevent Sênior.

Crê na vitória de Lula no primeiro turno?

Não estou entre aqueles que temem o segundo turno. Ao contrário. Lula derrotará Bolsonaro em quantos rounds houver. Mas por que é melhor decidir logo no primeiro turno? Porque o eleito terá um mês a mais para montar a transição e discutir uma agenda de emergência para 2023. Bolsonaro entregará a Lula um País em ruínas em todos os aspectos: economicamente quebrado, politicamente desestruturado e institucionalmente desmontado.

O que acha da proposta de Lula de pôr fim ao teto de gastos?

O homem é ele e sua circunstância. O teto era a única solução no momento em que foi implantado, quando eu ainda estava na presidência do Senado, uma saída responsável. Hoje, com o País quebrado, sem investimentos, vivendo praticamente de pagar o custeio, há a exigência de mais criatividade. Não sou economista e não gosto de grilar funções alheias. No regime presidencialista, os planos são do Executivo e, quando chegam ao Legislativo, podem e devem ser aprimorados.

Se vencer, Lula conseguirá governar sem o Centrão, que, hoje, está ao lado de Bolsonaro, ou haverá uma recomposição?

Os partidos de centro sempre existiram e continuarão existindo. Não se pode negar o óbvio ou mentir como bolsonaristas, que, antes, cantavam "se gritar 'pega Centrão', não fica um, meu irmão'", comparando o grupo a ladrões, e, depois, cederam todas as joias da coroa para a fisiologia. Lula, suponho, terá uma relação programática, sem gavetas escuras como o orçamento secreto e segredos centenários sobre tudo que incomoda ou é suspeito.

O sr. crê numa reaproximação entre Lula e Arthur Lira ou aposta que o petista apoiaria outro nome na corrida pelo comando da Câmara?

Seria temerário falar disso sem saber a grandeza das bancadas da Câmara. A proporcionalidade é um dos critérios de largada para essa conversa. Isso só estará mais visível após 2 de outubro. Alagoas foi a campanha mais nacionalizada do País. Aqui, a fronteira entre Lula e o bolsonarismo é nítida. Me orgulho de apoiar o presidente que cria empregos, aumenta o PIB, elimina a fome, distribui renda e tem inúmeros programas para os pobres. Lira anuncia aqui ser o mais bolsonarista de todos. O único programa dele é o orçamento secreto. O presidente da Câmara é um golpista anão do laboratório bolsonarista.

Do outro lado do Congresso, o sr. pretende concorrer à presidência do Senado?

Não cogito disputar.

Aceitaria, então, algum ministério?

Quero fazer minha parte onde for necessário. Quero ajudar.

Como destravar a Reforma Tributária no Senado?

Um milagre. Desde a promulgação da Constituição, foram criados inúmeros grupos e comitês para avançar na simplificação dos tributos, reduzir a carga e aumentar a base contributiva. Essa é uma gênese aparentemente simples. Vivemos sob um injusto centralismo fiscal, onde a União fica com quase tudo e repassa migalhas aos estados. ■

"Ciro Gomes é um caso crônico que já migrou para a psiquiatria e não pertence mais à política"

FOTO: WERTHER SANTANA/ESTADÃO CONTEÚDO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

O MANDATÁRIO ACIDENTAL

Foi um show de patetices. Bolsonaro em Londres e nos EUA, para compromissos oficiais que, evidentemente, nada tinham a ver com a agenda de candidato, causou desprezo e indignação a todos que ali presenciaram o seu desempenho no figurino de um político raso e desesperado em campanha. Era inacreditável: no funeral da rainha, numa cidade tomada pelo luto e comoção, o apedeuta do Planalto resolveu fazer comício para meia dúzia de fanáticos seguidores, bajuladores de "mito", que estavam de campana diante da embaixada. Nada por acaso, Bolsonaro mostrava estar em mais uma de suas andanças por bolsões de voto à cata dos apoios. Local errado, hora errada, discurso sem pé nem cabeça, ele definitivamente parece não entender o papel que lhe é devido em ocasiões como essa. O espetáculo bizarro, inominável, provocou reações até dentre transeuntes ingleses, que passavam por ali e pediam respeito ao momento vivido. Foram escorraçados pelos radicais aos gritos de "esquerdistas". A entourage do bolsonarismo tacanho não encontra mesmo limites ou senso. O presidente em pessoa jamais passou de uma caricatura mal feita de chefe da Nação. Restou a chacota global.

O representante brasileiro, não satisfeito, cometeu gafes em sequência a cada cerimônia. Na audiência com o rei Charles III, que havia acabado de perder a mãe, chegou aos sorrisos, dando tapinhas no braço do monarca — algo completamente fora do protocolo, que não permite tocar na figura real. Nas ruas, tripudiou em esquetes para suas redes sociais sobre o preço dos combustíveis ali, não entendendo a distância abissal do custo de vida entre os dois países. A pantomima dos horrores no Reino Unido se estendeu, depois, para Nova York, parada a seguir do mandatário acidental que teria de fazer o tradicional discurso de abertura dos trabalhos da ONU, uma deferência historicamente reservada à autoridade brasileira. Novo vexame, causando vergonha alheia a cada compatriota. Bolsonaro deve ter confundido o momento como mais um daqueles do horário eleitoral gratuito, onde vale tudo de lorotas, tendo por audiência a população do planeta. Atacou o maior adversário da corrida política e seu partido PT, levantando temas e promessas de campanha, falou mundos e fundos de supostas realizações, pintou um cenário colorido da gestão e ainda arranjou tempo para relatar a adesão que recebeu na passeata criminosa do Sete de Setembro. Ninguém ali estava interessado, os participantes da plateia e espectadores remotamente não tinham nada a ver com aquilo. Faltou alguém lhe dar um "semancol". Lá fora, nos prédios da Big Apple, projeções contra Bolsonaro traziam menções de "vergonha brasileira", "mentiroso", "desgraça" e por aí afora. À noite, no icônico Empire State Building, a expressão "Tchutchuca do Centrão" foi estampada, gerando dúvidas nos locais americanos sobre o significado. Era mais um deprimente momento de conspurcação dos brasileiros. Talvez nunca na história nacional um chefe de Estado tenha sido tão ridicularizado — por asneiras indiscutíveis, diga-se. Fazer da Assembleia Geral da ONU um palanque eleitoreiro chocou muitos representantes estrangeiros que já o tratavam como um pária. A comunidade global, observadores de todas as vertentes e embaixadores foram assim sacramentando a visão de um País que se apequenou, reduziu o seu protagonismo no concerto das nações, passando ao status de mera republiqueta, cuja representatividade secundária, quase cômica, a deixa incapaz de ser levada a sério. De uma maneira ou de outra, nesse momento e sob o atual comando, o Brasil dá sinais de ter perdido a sua habitual condição de porta-voz dos países em desenvolvimento. Como não poderia deixar de ser, o direto responsável pela façanha no downgrade de prestígio é o capitão em pessoa. Na ONU, como um nanico diplomático, Bolsonaro realizou um discurso ao estilo fascista, misturando ideologia de gênero e um pastiche de frases de ditadores de outrora. No hiato de três dias, entre o salseiro britânico e a fantasiosa ode de platitudes do discurso na etapa nova-iorquina, o presidente reiterou as razões que o levaram a ser tão desinteressante e desprezível aos olhos de seus pares.

Propostas para os assuntos capitais que inquietam o mundo, como o do conflito na região da Ucrânia? Nenhuma, a não ser o insinuado apoio às movimentações de Putin, em completa disparidade com o consenso geral. Em síntese, foi, por assim dizer, um road show fracassado - algo que era previsto até pelos mais otimistas membros de seu governo - e o candidato-presidente, que tentava angariar algum prestígio nas rodas internacionais para usar de mote internamente, chega à reta final do sonhado projeto de reeleição marcado como alguém completamente despreparado para o cargo. Deu mais um tiro no pé e não agregou nada de substantivo ao currículo. Insultos ao luto inglês, churrascada para bradar o lema de "imbrochável" enquanto desprezava e cancelava audiência marcada com o secretário-geral António Guterrez fizeram parte do enredo da patacoada. A dúvida que resta: como planeja mobilizar engajamento fora da rede de fiéis com essa série ininterrupta de incidentes? Nem os marqueteiros explicam. ■

FOTO: REPRODUÇÃO

Sumário

Nº 2748 - 28 de setembro de 2022
ISTOE.COM.BR

BRASIL Como o País se prepara para neutralizar e se proteger de eventuais atos de violência durante a votação

CAPA Para colocar fim às ameaças golpistas de Bolsonaro, evitando-se o segundo turno das eleições, vale a pena o voto útil em Lula?

EDUCAÇÃO O mais completo estudo sobre os efeitos da pandemia mostra déficit de aprendizado em todas as etapas do ensino. Há como sair da situação se o MEC tornar-se funcional

Entrevista 4
Brasil Confidencial 14
Semana 18
Brasil 26
Comportamento 34
Economia 56
Internacional 58
Divirta-se 64
Última Palavra 66

CULTURA Chega ao Brasil a monumental biografia de Franz Kafka, escrita pelo filósofo e matemático alemão Reiner Stach

FOTO CAPA: RICARDO RIMOLI/GETTY IMAGENS
FOTOS EDITORIAIS: DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; ERALDO PERES/AP PHOTO; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; VOTAVA/APA-PICTUREDESK/AFP

Artigos

por Vicente Vilardaga

Editor de Comportamento de ISTOÉ

UMA DERROTA CADA VEZ MAIS PROVÁVEL

É cada vez mais provável que não haja segundo turno nas eleições presidenciais. O crescimento da candidatura de Lula, com a perspectiva de voto útil, a aversão a Bolsonaro que se cristaliza e uma calculada diminuição da abstenção, que tende a favorecer a oposição, parece irreversível. A última pesquisa Ipec revelou que Lula passou a ter 48% das intenções de voto ante 31% de Bolsonaro. Apurou-se também que o candidato do PT tem 52% dos votos válidos. Em outra pesquisa, a Quaest, esse percentual é de 48,9%.

Sem estratégia ou qualquer carta na manga, Bolsonaro vê seu projeto de reeleição naufragar. A vantagem do adversário vai crescendo aos poucos e, continuando no mesmo ritmo, no dia 2 de outubro, será definitiva e não deixará mais chances para reversão. O que se percebe é que Bolsonaro chegou ao limite. Não tem mais como crescer. E seu tamanho político semana a semana só diminui. A vantagem de Lula oscila para cima em sete pesquisas.

O presidente queimou todos seus cartuchos para diminuir a rejeição principalmente entre mulheres e jovens, mas em todos os grupos da sociedade a antipatia por ele só aumenta. Neste momento cativa apenas aqueles que gostam de se comunicar com brutalidade e dizer boçalidades. Sua maldade e falta de empatia, demonstradas repetidamente nos últimos quatro anos, o condenam junto a qualquer a cidadão responsável que respeita seu semelhante. Ele está tentando parecer menos cruel na campanha para ganhar alguns votos de desavisados , mas não consegue convencer ninguém com sua falsidade gritante.

A viagem para a Inglaterra e os Estados Unidos nesta semana foi um fracasso e não trouxe qualquer retorno. Nos dois casos, ele foi inadequado, estimulando a baderna no funeral da rainha, em Londres, e levando o debate político nacional para a ONU numa completa inversão de prioridades. São claros sinais de desespero. O bolsonarismo já vive a sensação de que a derrota de seu líder é iminente. É claro que ele vai tentar reagir, romper com as regras das eleições, dar algum tipo de golpe sujo para se manter no poder. Mas qualquer iniciativa irá fracassar. Bolsonaro será devidamente condenado pelos seus pecados.

Na reta final da campanha, cresce entre os brasileiros a aversão ao candidato que conduziu um dos governos mais cruéis e desumanos da história do Brasil

por

TEMPOS DE CÓLERA

O assassino confessou seu feito. Tomado pelo ódio, havia esfaqueado várias vezes o rosto do colega e, após constatar a morte, ainda tentou decapitá-lo com um golpe de machado. O motivo do crime? Divergência política. O assassinato no Mato Grosso aconteceu horas depois do presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro ter esbravejado que adversários políticos deveriam ser "extirpados" da vida pública. Em julho, outro apoiador do presidente protagonizou mais um ato de violência extrema e assassinou, a tiros, um guarda municipal petista. Antes de atirar, bradou seu grito de guerra: — Aqui é Bolsonaro!

Desde a eleição do capitão, em 2018, temos vivido tempos de cólera. Aliás, o próprio arauto da violência foi, ele mesmo, vítima do ódio que tanto propala, e só venceu nas urnas após ser esfaqueado por um ex-militante. Os episódios de agressividade que acompanham Jair Bolsonaro não são casos isolados. O ódio tem sido a tônica de sua vida política e a inspiração máxima de seu discurso. Dele, ninguém é poupado: de jornalistas a ministros do Supremo Tribunal Federal e ex-presidentes da República.

Às vésperas do pleito de 2022, o ódio tem recrudescido: seis em cada 10 eleitores temem ser agredidos por seus posicionamentos políticos

Rachel Sheherazade

Jornalista

Quem não se recorda do infame voto por ocasião do impeachment de Dilma Rousseff em que Jair Bolsonaro enalteceu a memória do torturador da ditadura, Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra? É necessário que se ressalte: os ataques são mais implacáveis com as mulheres, vítimas preferenciais do presidente. Freud tem uma excelente explicação para tal predileção.

Às vésperas do pleito de 2022, o ódio tem recrudescido: seis em cada 10 eleitores temem ser agredidos por seus posicionamentos políticos. Na toada do olho por olho, aonde chegaremos? E o resultado da eleição? Determinará o fim da polarização insana e incivilizada no Brasil? Homem de frases emblemáticas, certa vez, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill escreveu: "A diferença entre um estadista e um demagogo é que este decide pensando nas próximas eleições, enquanto aquele decide pensando nas próximas gerações".

Nos anos 60, o jovem advogado Nelson Mandela estava pronto para conduzir a luta armada contra o Apartheid, a abominável política sul-africana que dividia brancos e negros, quando foi condenado à prisão perpétua. No silêncio de sua cela, encontrou força para resistir ao ódio e ao desejo de vingança. O cárcere não o abateu: converteu o rebelde guerrilheiro num revolucionário da paz. Quando alcançou a liberdade Mandela foi eleito presidente e ajudou a transformar um país cindido numa nação mais unida e próspera. O ex-guerrilheiro escolheu entrar para a história como um grande estadista. E a nós, brasileiros, o que nos espera? Quem há de nos reconciliar? O que nos livrará do desamor, dos corações cheios de areia? Um pacifista ou vingador?

Cientista político

MERCADO MENOS TENSO COM AS ELEIÇÕES

No Brasil, estamos acostumados a conviver, em ano eleitoral, com um mercado nervoso, instável e em meio a altas do dólar. Este ano, porém, o mercado está um pouco diferente – mais estável, menos nervoso. Que fatores, afinal, estariam contribuindo para essa relativa estabilidade? Em primeiro lugar, os investidores estão mais preocupados com o quadro externo do que com o interno. Nos Estados Unidos, por exemplo, há expectativa de aumento dos juros. Na Europa, por conta da guerra entre Rússia e Ucrânia, há grande atenção com a questão energética. Os preços por lá disparam e os juros também devem subir. A China deve apresentar o seu menor crescimento em anos.

Em termos relativos, o Brasil está muito melhor do que outros países emergentes, já que é um dos poucos em que houve elevação da projeção de crescimento. Foi onde houve também a maior revisão. No início do ano, a projeção de crescimento era de 0,5%. A média, no entanto, está em torno de 2,4%. E há quem projete índices superiores a 3%. Fora isso, os dados de crescimento continuam surpreendendo. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central, considerado uma prévia do PIB, subiu 1,17% em julho. Esse número é maior do que o esperado (1% era o teto das projeções). Outro ponto é que já vimos o pico da inflação, que ficou ao redor de 12%. Agora, a expectativa para o fim do ano gira em torno de 6%.

Vale ressaltar que o fiscal de curto prazo no País melhorou depois da pandemia, ao contrário do que ocorreu em outros países. Em outubro de 2020, a relação dívida bruta do governo geral/PIB chegou a 89%, valor recorde para a série histórica do Banco Central. Até julho, recuou para 78,3%, patamar muito próximo do verificado antes da pandemia. Mas continua havendo dúvidas quanto ao longo prazo. Importante acrescentar que o custo para apostar contra a moeda brasileira está alto, já que o dólar permanece em patamar elevado e os juros estão altos. Outro fator relevante é que os dois principais candidatos à Presidência da República com chance de vitória já são conhecidos do mercado, diferentemente de outras nações da América Latina, onde candidatos pouco conhecidos acabaram vencendo.

A avaliação é que o presidente Jair Bolsonaro aumentou o gasto público por conta das eleições. Mas a aposta é que, depois, caso vença as eleições, ele volte a fazer o dever de casa, avançando com as privatizações, a aprovação de reformas e os marcos regulatórios essenciais. O fato de o ex-governador Geraldo Alckmin ser o vice de Lula (PT) foi uma sinalização de que o ex-presidente tenderá a ter um comportamento mais pragmático e menos revanchista, caso suba mais uma vez a rampa do Planalto.

Frases

“Não seria possível recriar toda aquela atmosfera em um estúdio na cidade de Los Angeles”

VIOLA DAVIS, atriz norte-americana, sobre o fato de ter filmado *A Mulher Rei* na África do Sul

“SEI DOS LIMITES DO MEU CORPO”

ROGER FEDERER, considerado um dos melhores tenistas de todos os tempos, ao anunciar sua aposentadoria aos 41 anos

“NÃO SE POSICIONAR POLITICAMENTE AGORA É ESTAR DO LADO ERRADO DA HISTÓRIA”

BRUNO GAGLIASSO, ator

“Vivemos em uma sociedade permeada pela violência extrema e pelo medo”

RENATO SÉRGIO DE LIMA, diretor presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

FOTOS: PRINCE WILLIAMS/WIREIMAGE; ANDREW COWIE/COLORSPORT/DPPI VIA AFP; VANESSA CARVALHO/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

“O público voltou a nos visitar como antes da pandemia”

PAULO VICELLI, diretor da Pinacoteca de São Paulo

“O FEMINISMO E A DIREITA ESTÃO NESSE MOMENTO EM ALTA NA ESPANHA”

LETÍCIA GARCIA GALLARDO, cientista política espanhola

“Nasci para ser pai e interpretar”

OTÁVIO MÜLLER, ator

“OS EUA PODEM JOGAR TODO O MUNDO EM RECESSÃO”

RODRIGO ZEIDAN, economista

“EM 2032 OS EVANGÉLICOS SERÃO MAIORIA ENTRE OS RELIGIOSOS”

JOSÉ EUSTÁQUIO, sociólogo e demógrafo

“SINTO FALTA DE MAIS PERSONAGENS FEMININAS DA MINHA FAIXA ETÁRIA TRABALHANDO EM SÉRIES”

CAMILA MÁRDILA, atriz, que tem 34 anos de idade

“Sexo é um playground”

NEY MATOGROSSO, cantor e compositor

“HÁ UM PADRÃO EM MEUS LIVROS. AS PROTAGONISTAS NÃO CONSEGUEM SE LIBERTAR DA DUPLICIDADE: DESLOCAMENTO E FAMÍLIA”

CAROL BENSIMON, escritora

“Ser voluntário na Cracolândia significa um divisor de águas em minha vida”

FLÁVIO FALCONE, psiquiatra e palhaço

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

PESO Ciro e Simone não irão para o segundo turno, mas devem influir no processo final

Fiel da balança

Os presidenciáveis **Ciro Gomes** e **Simone Tebet**, como já é sabido, não se classificarão para o segundo turno, mas terão a primazia de influir em uma questão fundamental no processo eleitoral deste ano: haverá ou não uma segunda rodada nas eleições entre Lula e Bolsonaro? Quando Simone estava na casa do 1% e Ciro com 6%, era provável que Lula levasse no primeiro turno. Depois que a emedebista subiu para 5% e o pedetista voltou para 9%, o petista parou de crescer, enquanto o capitão se manteve estável, levando os institutos de pesquisa a ficarem em cima do muro para responder se Lula ganha no primeiro ou no segundo turno. Dessa forma, mesmo sem chances, Ciro e Simone serão o fiel da balança do jogo: ou para o voto útil no primeiro ou como apoio para o segundo turno.

Ciro

O mais importante no segundo tempo do jogo será o eleitor de Ciro Gomes. Independentemente do que pense, o seu eleitor é lulopetista e já declarou isso aos pesquisadores. Não há o que Ciro possa fazer nesse sentido. Nem mesmo dizer que não apoiará Lula no segundo turno e que o petista envelheceu de corpo e de ideias etc. etc. Esse voto é petista.

Simone

No caso da senadora, a questão é um pouco mais delicada. Os eleitores de Simone têm um pé em Lula, sobretudo no Nordeste, e outro na canoa de Bolsonaro, especialmente os do centro-oeste e sudoeste (gente do agronegócio). Os votos de Simone, portanto, estarão divididos no segundo turno e nem um dos dois leva vantagem. Ciro decidirá.

RÁPIDAS

* Irmão do presidente, Renato Bolsonaro deu uma carteirada para obter empréstimo vultoso na Caixa Econômica Federal para a cidade de Miracatu (SP), onde era chefe de gabinete do prefeito: entrou na CEF em novembro de 2021 e saiu com R$ 29,6 milhões para a prefeitura.

*** Os candidatos ainda preferem fazer campanha à moda antiga. Investiram R$ 1 bilhão na produção de programas de TV e R$ 621,8 milhões em material impresso. No impulsionamento na internet, gastaram R$ 112,8 milhões.**

* Tarcísio de Freitas, candidato de Bolsonaro ao governo de SP, pisou na bola nesta reta final. Gravou vídeo de apoio a Fernando Collor, candidato a governador de Alagoas. Disse que era "um dos maiores políticos que já tivemos".

*** Cláudio Castro, candidato a governador do RJ, está enrolado. Em depoimento no MP, o ex-assessor do governador, Marcus Vinícius Azevedo da Silva, disse que ele recebeu propina de US$ 20 mil para passear na Flórida.**

Aliado enrolado

Pela reeleição, Romeu Zema, do Novo, fez aliança com outros nove partidos. Três deles (Progressistas, Avante e Agir) acertados pelo deputado Marcelo Aro, candidato ao Senado e homem forte de Ciro Nogueira. Aro tem pelo menos cinco boletins de ocorrência registrados contra ele: lesão corporal contra uma ex-namorada, ameaça, desacato e desobediência contra policiais militares e fraude de documentos.

FOTOS: ANDRÉ RIBEIRO/FUTURA PRESS; ALEXANDRE REZENDE/FOLHAPRESS; RICARDO BORGES/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; CUSTÓDIO COIMBRA; ANA VIRIATO

RETRATO FALADO

"Estamos indo para o precipício"

*O ex-presidente do Banco Central **Arminio Fraga** diz que o Brasil está indo para o precipício na questão ambiental, caso não sejam tomadas medidas que evitem sua degradação. Para ele, o País tem aumentado os gastos públicos nos últimos anos, mas tem havido uma grande falta de prioridade. Na causa ambiental, Arminio mostra que a resiliência tem que partir de um planejamento assertivo e que todos têm de estar preparados para lidar com os acidentes que podem atingir o setor.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

LASIER MARTINS (PODEMOS-RS), SENADOR E CANDIDATO À CÂMARA

De saída do Senado, o que mais o frustrou na Casa?

Não ter ido a plenário a PEC de minha autoria que muda o sistema de indicação de ministros do Supremo, para evitar que o tribunal siga a ser ideológico, e a indispensável Reforma Tributária.

O sr. era grande apoiador de Sergio Moro. Como vê os acenos dele a Bolsonaro?

O ex-juiz Sergio Moro cometeu vários erros na construção de sua candidatura. Agora, procura as conveniências eleitorais dele, com atitudes surpreendentes e contraditórias.

Qual posicionamento o sr. espera do Podemos em um eventual segundo turno?

Posso falar sobre o primeiro turno. A maioria votará em Bolsonaro e, alguns poucos, em Simone Tebet. Não soube de ninguém que apoie Lula.

Exclusão digital

O mundo teve um grande avanço na inclusão digital e no Brasil isso não poderia ser diferente. Hoje, 155,7 milhões de brasileiros utilizam a internet, o que é muito bom. O lamentável é que ainda temos muita gente desconectada. Dados da Pnad Contínua, feita pelo IBGE, mostram que o País tem 7,2 milhões de famílias excluídas digitalmente, o que significa dizer que temos 26,2 milhões de brasileiros que não usam a internet para se comunicar. Entre eles, estão 3,6 milhões de estudantes. Ora, não é por outra razão que ainda temos tanta gente miserável, muitos dos quais não conseguem nem mesmo acessar os dados dos órgãos públicos para obter o Auxílio Brasil.

Escolaridade ruim

Essa é uma das razões que levam milhares de crianças a não conseguirem ler e escrever aos oito anos. Segundo estudo feito pelo Ministério da Educação, de acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), feito em 2021, crianças com dez anos voltaram ao nível de aprendizado que tinham em 2013.

Vacas magras

São tempos de vacas magras para os candidatos do Progressistas a deputado distrital. A maior parte dos 24 representantes da sigla na disputa nem sequer conseguiu ver a cor do dinheiro para financiarem suas campanhas. Só está conseguindo algum cascalho quem é amigo do rei, que, no caso, leva o nome de Ciro Nogueira, o todo poderoso chefão do partido.

Vacas gordas

Esse é o caso de **Ana Cristina Valle**, ex-mulher Bolsonaro. Ela já recebeu R$ 200 mil para a campanha de deputada distrital, ficando atrás apenas de Milena Câmara, presidente do PP Mulher, e Valdelino Barcelos, que concorre à reeleição (R$ 500 mil, cada). Todos têm também uma madrinha influente: Celina Leão, candidata a vice-governadora do DF.

Apoio de verde e amarelo

Formado por lideranças do agronegócio, o Movimento Brasil Verde e Amarelo está enchendo Brasília de outdoors em apoio ao presidente Bolsonaro. Se antes convocavam para o Sete de Setembro, agora os letreiros estimulam os cidadãos para votar no capitão. Alguns deles estampam o slogan "Deus, família, pátria e liberdade", usualmente reverberado pelo mandatário em comícios.

Coluna do Mazzini

REIS E RAINHAS SEM A COROA

A morte de Elizabeth II ressuscitou no metiê brasiliense histórias de quem sempre tentou ser rei e rainha, longe da realeza, amparado em regalias republicanas com dinheiro dos cidadãos — mesmo sem a pompa da monarquia britânica. Quando inquilina do Palácio da Alvorada, Dilma Rousseff certa vez reclamou do barulho de conversas e risadas dos serviçais da cozinha e jardim, que atrapalhavam sua leitura. A empresa terceirizada, com receio de perder o contrato, não titubeou. Mudou a equipe e contratou surdos-mudos treinados em uma semana. Dilma deixou o Palácio sem saber. Em 2013, quando passou por Brasília, o Chefe de Estado dos Estados Unidos, John Kerry, trouxe cão do FBI no staff. O pastor alemão ocupou ampla suíte, e comeu apenas ervas cozidas em água mineral. Quando presidente, Lula da Silva deu cartão corporativo a um funcionário só para lhe comprar o uísque do avião presidencial. E a atual primeira-dama Michele Bolsonaro se dá ao luxo de levar o maquiador para viagem internacional.

Dilma mandou trocar serviçais que riam na cozinha; cão de Kerry só comia ervas; Lula teve cartão só para o uísque; Michele viaja com maquiador

Morte de policiais no Rio e em SP

No 1º semestre desse ano morreram em serviço 67 profissionais de segurança pública no Brasil, de acordo com dados do Ministério da Justiça. Dois Estados se sobressaem nos tristes números. O Rio de Janeiro contabilizou a morte em serviço de sete policiais militares e dois civis entre janeiro e julho. No Estado de São Paulo, sete PMs e três policiais civis foram a óbito. Os dados por ora estão abaixo dos contados em 2021. O Rio - onde se matava PMs em confronto com bandidos quase toda semana, há poucos anos - registrou no ano passado a morte de 10 policiais. São Paulo lidera o ranking do País: foram 22 mortes de policiais em 2021.

Sergio Moro paga bem

Acostumado na Operação Lava Jato a dar trabalho para advogados de alvos - muitos defensores ficaram milionários -, o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil) não perdeu o pique agora, na campanha. Candidato ao Senado pelo Paraná, com chances de ser eleito, já gastou R$ 700 mil apenas com o escritório Bonni Guedes Advocacia para os serviços eleitorais.

Pacheco some da campanha e se preserva

Rodrigo Pacheco desfilava em Belo Horizonte como respeitado advogado e sempre discreto, longe dos holofotes. Pelo visto, como presidente do Congresso Nacional, não perdeu o costume nessa campanha. Filiado ao PSD, o senador não aparece no palanque do ex-prefeito de BH Alexandre Kalil (PSD), candidato ao Governo de Minas e aliado de Lula da Silva (PT) no Estado. Tampouco gravou vídeos ou fez fotos para aliados. Correligionários próximos reclamam do distanciamento do senador como sua regra para sobrevivência política. Com mais quatro anos de mandato e com vistas a tentar reeleição, Pacheco não quer tomar lado.

FOTOS: MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; LEOBARK/SECOM/MPF

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

PGR abre concurso para procurador

Augusto Aras encabeça equipe da comissão do concurso da Procuradoria-Geral da República para 13 vagas abertas - Acre, Espírito Santo, Goiás, Paraíba, Pernambuco e Santa Catarina terão uma vaga a ser ocupada, cada. Três cadeiras vão para o Estado do Rio de Janeiro, e o Estado de São Paulo vai preencher outras quatro vagas. O salário bruto é de R$ 33.689,11 — além de outras benesses e prêmios da carreira. O aprovado, de acordo com sua classificação, poderá escolher a sua praça de atuação. O concurso sairá dentro de dois anos. Mas o PGR tem pressa - e até dezembro pode realizar a prova.

Oi, chefe, estamos aqui, hein...

Os ex-ministros Gilberto Carvalho e Aloizio Mercadante querem garantir a atenção de Lula se o petista for eleito presidente. Doaram, cada um, R$ 14.850 para o comitê presidencial do PT. Gilbertinho, como é chamado dentro do partido, tem sido a ponte discreta de muita gente com o Barba.

Cabo Mourão na tela

Enquanto luta voto a voto com Ana Amélia (Progressistas) pela única vaga ao Senado do Rio Grande do Sul, o vice-presidente general Mourão (Republicanos) tem reservado um pouco de tempo para gravar vídeos de apoio a candidatos ao Senado em outros Estados. Mourão é requisitado por bolsonaristas para o front — na tela, pelo menos, à distância.

De galã a vilão de si

Eike Batista, então o empresário mais rico do Brasil, sonhou ter uma cinebiografia em Hollywood, com Leonardo Di Caprio em seu papel, contam pessoas próximas do brasileiro. Com script queimado, passou a embarcar em voos comerciais, e virou filme, sim: no Brasil, sobre seu retumbante fracasso. Estreia nessa semana nos cinemas.

NOS BASTIDORES

Quem matou Marielle?

Investigações avançadas no Rio de Janeiro apontam um miliciano executado como principal suspeito de ser o mandante da morte da ex-vereadora Marielle Franco. Falta pouco.

Brasil sobre trilhos

Mais de 150 empresários brasileiros do setor desembarcaram em Berlim nessa semana para a InnoTrans 2022, principal feira mundial de tecnologia de transporte ferroviário. O mundo está de olho no País.

A ausência de Michel

Gente graúda de gabinetes em Brasília e de diferentes escritórios em São Paulo cita a falta que faz Michel Temer (MDB) na disputa presidencial. Com seu perfil conciliador e programático, é lembrado pelas reformas nos dois anos de Governo.

Submarino nuclear

O submarino de propulsão nuclear em construção pela Marinha vai conseguir fazer a rota Rio de Janeiro-Natal em menos de dois dias, e não em duas horas, como publicou esta Coluna na edição anterior.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

BRASIL

Ibama deve anular R$ 16 bilhões em multas ambientais

AMAZÔNIA Toneladas de madeira: árvores e indígenas pedem socorro

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) tem por finalidade, como o seu próprio nome determina, zelar pela preservação e melhora ambiental do Brasil. É inacreditável (embora tudo seja inacreditável no governo de Jair Bolsonaro), mas o presidente do órgão, Eduardo Bim, decidiu por meio de um despacho anular multas ambientais que podem totalizar R$ 16,2 bilhões — Bim ganhou a indicação para o cargo do ex-ministro Ricardo Salles (aquele da porteira, lembram-se dele?). Os processos precisam ser anulados individualmente, um a um, e abrangem desmatamento, queimadas e transporte ilegal de madeira - ou seja, tudo o que é crime. **Para a advogada Suely Araújo, que desenvolveu um excelente e cuidadoso trabalho quando presidiu o Ibama no governo de Michel Temer, "essa decisão é como um terremoto que desmonta todo o processo de fiscalização"**. Ela é também especialista em políticas públicas do Observatório do Clima. Diz: "Tudo aquilo que os fiscais fizeram está sendo jogado no lixo. Estimulam-se assim novas infrações". A anistia às multas compreende o período entre 2008 e 2019, e diversas delas envolvem devastação de áreas de proteção ambiental da Amazônia.

PADRINHO
Ricardo Salles, o ex-ministro da porteira: ele indicou Eduardo Bim

CULTURA

Ela preconizava o poder decisório da mulher em eleições

PRECURSORA
Maria Firmina (em ilustração do século XIX): o seu livro *Úrsula* está entre os melhores de todos os tempos

Acertou a Flip ao escolher definitivamente na semana passada a escritora Maria Firmina dos Reis como a homenageada de 2022. No século XIX ela teve a coragem de falar sobre voto e preconizar o poder das mulheres em eleições - estamos às vésperas de votação e, nas urnas, hoje elas são fator decisório. Firmina nasceu em 1822, ano da Proclamação da Independência - agora se comemora o bicentenário da data. É a primeira mulher negra a receber homenagem da Flip, e é também a primeira romancista do Brasil: em 1859 publicou *Úrsula*. Até hoje as primeiras linhas da obra estão entre o que há de melhor na literatura: "Mesquinho e humilde livro é esse que vos apresento leitor". Em alguns clássicos de Machado de Assis há um quê de Firmina.

O LEGADO

"Homenageá-la é forma de valorização de todas as mulheres que tiveram importante papel no século XIX. O seu legado literário e de vida servirá de exemplo para o País"

Professor José Vicente, reitor da Universidade Zumbi dos Palmares

FOTOS: FELIPE WERNECK/IBAMA; DIVULGAÇÃO; GABRIEL REIS
IMAGEM CONSTRUÍDA: WANIEL JORGE SILVA

TURQUIA Mulheres tomam as ruas: solidariedade às iranianas pela morte de Mahsa Amini

FOTO: OZAN KOSE/AFP

IRÃ

Os véus começaram a virar cinzas

Se o governo iraniano pretende manter a retrógrada lei que obriga as mulheres a se apresentarem em público com a cabeça coberta pelo hijab não podem acontecer episódios bárbaros como o que acaba de ocorrer – com força suficiente para abalar o poder do aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã. Ao longo da semana passada, a obrigatoriedade dos véus, baseada em uma polêmica interpretação jurídica do Corão, começou a ser, literalmente, incinerada. É a forma que os iranianos, sobretudo as mulheres, encontraram **para dar um basta à truculência das tropas da denominada "polícia moral"**. Eis o caso: em uma delegacia de Teerã morreu a jovem Mahsa Amini, presa porque, segundo a tal polícia, estava usando o hijab de "forma inadequada" – o governo fala em infarto, a população não tem dúvidas de que Mahsa Amini foi torturada. Milhares de mulheres, queimando véus, começaram a tomar as ruas de 15 cidades. Os protestos se intensificaram e na quarta-feira 21, com a solidariedade masculina e a palavra de ordem "Morte a Khamenei", as manifestações se espalhavam por diversos países, entre eles Turquia, Iraque e Afeganistão. Contavam-se aos milhões as referências a #MahsaAmini. Até a quinta-feira pelo menos 25 pessoas haviam morrido nos atos públicos, outras 900 estavam presas. **A imagem de Mahsa Amini, 22 anos, corre o mundo. E os anacrônicos véus começaram a se tornar cinzas.**

IRÃ Homens e mulheres unidos ocupam quase todo país: luta contra a truculência da denominada "polícia moral"

FOTO: AFP

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Letícia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thaís Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação ·
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda ·
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

O DILEMA DO VOTO ÚTIL

Com a possibilidade de ganhar a eleição em dois de outubro, Lula recicla estratégia antiga e tenta atrair eleitorado ao voto útil, irritando presidenciáveis de centro e comprometendo alianças para um eventual segundo turno. O apoio antecipado pode funcionar como um antídoto à ameaça golpista de Bolsonaro, mas evita que o petista se comprometa com uma parcela maior da população

Marcos Strecker e Ana Viriato

FOTO: SERGIO LIMA/AFP

A campanha pelo voto útil não é novidade na política brasileira. Na primeira eleição após a redemocratização, em 1989, Lula usou esse argumento para tirar Leonel Brizola do segundo turno, já que teria mais chances de derrotar Fernando Collor. Em 2018, no auge do antipetismo, foi Ciro Gomes quem citou as pesquisas que o apontavam como o único nome capaz de vencer Jair Bolsonaro para tentar esvaziar a candidatura de Fernando Haddad. Desta vez na dianteira, o PT aposta tudo nessa tese. Numa disputa polarizada e com a democracia sob ataque, Lula, ancorado em números, busca convencer o eleitorado a deixar de lado as preferências e convicções políticas e pessoais e entregar-lhe a vitória logo no primeiro turno para neutralizar a sanha golpista de Bolsonaro. Isso levanta a pergunta: é democrático pressionar o cidadão a uma escolha antecipada?

Ideal não é. Uma corrente importante de cientistas políticos, como Carlos Pereira (EBAPE-FGV), defende que as instituições têm se mostrado sólidas mesmo com o açodamento bolsonarista, portanto levantar o risco de retrocesso antidemocrático é na verdade um argumento falacioso. Além disso, a eleição em dois turnos existe exatamente para que o eleitor exprima sua preferência, sem aderir àquele que tem mais chances de chegar ao poder. Um segundo turno leva os candidatos que passaram na primeira fase a flexibilizarem suas propostas, atraindo novos eleitores, além de se comprometerem com outras forças políticas. Esse esforço de composição é ainda um antídoto para eventuais arroubos extremistas.

O caminho para a campanha do voto útil, porém, estava pavimentado há meses, antes mesmo dos pedidos explícitos, por conta da disputa de extremos que impregnou a sociedade com o sentimento do "nós contra eles" (expressão que sempre foi fomentada por Lula, aliás). O naufrágio da terceira via favoreceu esse desfecho. Os dois líderes da corrida eleitoral lutaram nos bastidores para desidratar outras candidaturas, cooptando presidenciáveis (como Lula fez caso de André Janones, do Avante) ou sabotando candidaturas (como Bolsonaro fez com João Doria, com a ajuda de seus aliados no PSDB). Diante desse cenário, o cidadão pode usar as urnas como protesto, com o único objetivo de deixar longe do poder o candidato que se coloca no lado oposto do seu espectro ideológico.

As rotas que levam ao voto útil variam de eleição para eleição. Em 2022, a responsabilidade, para especialistas, recai no colo de Bolsonaro. A postura criminosa na pandemia e os constantes ataques ao Legislativo e ao Judiciário, com a ameaça de uma ruptura institucional, deixaram o antipetismo em segundo plano e levaram lideranças políticas e cidadãos a se unirem em torno do nome de Lula, apontado por pesquisas como o mais competitivo. Na prática, o próprio presidente contribuiu para que o pleito seja visto como uma disputa entre a democracia e a barbárie, na qual ele representa a barbárie. Isso levou Marina Silva a abandonar as mágoas causadas pela milícia digital petista em 2014. Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central que criou o teto de gastos como

ministro de Michel Temer, também declarou apoio ao petista. O jurista Miguel Reale Jr., que assinou o pedido de impeachment de Dilma Rousseff, acaba de declarar o voto em Lula no dia 2 para "impedir uma ação desesperada de Bolsonaro".

VOTO ESTRATÉGICO

Cientista políticos também acham que essa tendência é justificável diante das circunstâncias. "Essa não é uma eleição normal, ela envolve uma ameaça à democracia", diz José Álvaro Moisés. Para ele, o voto útil, ou estratégico, "é uma ferramenta democrática legítima". "As duas escolhas são legítimas, não se trata de contrapor uma à outra, elas são alternativas para o eleitor escolher." Segundo ele, o mandatário percebeu que provavelmente será derrotado e vai contestar o resultado. "Está dizendo isso com todas as letras, o que é, em si, ameaça à democracia." O mestre em Ciência Política pela UnB Carlos Augusto Mello Machado diz que não se trata somente um voto útil no sentido do menos pior. "É como se fosse um plebiscito entre quem quer democracia e quem não quer", argumenta. "Não à toa, Lula conseguiu uma frente ampla mais diversa do que a fechada em 2002 com José Alencar." O voto útil é uma ferramenta da política, faz parte do regime democrático, concorda Carolina Botelho, cientista política da UERJ e do Mackenzie. "Esta é a eleição mais importante da Nova República. A ideia do voto útil é reforçar valores sociais discutidos e pactuados na Constituição de 1988. Os últimos acontecimentos ligados a Bolsonaro têm incomodado todo mundo, não só os petistas."

Bolsonaro já percebeu que essa estratégia ameaça definir a eleição no primeiro turno. Por isso, tenta moderar o discurso (como fez na ONU) e ampliou o uso de fotografias do Sete de Setembro, para assegurar que tem o respaldo da população e tentar envolver os eleitores na tese falsa de que os institutos de pesquisa

EM DESVANTAGEM Bolsonaro participa de motociata com apoiadores em Belém (PA), na quinta: agora a campanha aposta na divulgação de resultados econômicos

fraudam números para favorecer Lula. Com a retórica, o capitão incentiva seus fiéis apoiadores a se manterem engajados na disputa e, de quebra, cria um "seguro" contra a derrota. O falatório é corroborado pelos seus ministros. "TSE, anote esses números que o Ipec está dando, que no dia dois de outubro a população vai cobrar o fechamento desse instituto", disparou Fábio Faria, que comanda o Ministério das Comunicações, nas redes, quando a sondagem indicou, no dia 20, que Lula tinha 47% das intenções de voto ante 31% de Bolsonaro.

A mesma sondagem diz que 80% dos eleitores já estão decididos sobre o voto para presidente, e 19% ainda podem mudar de voto. Por isso, o PT resolveu acelerar a caça do voto útil entre os eleitores de Ciro Gomes e Simone Tebet, que aparecem estagnados no levantamento, com 7% e 5%, respectivamente. A distância entre Lula e Bolsonaro, que era de 15 pontos percentuais há uma semana e de 12 pontos há duas, segundo o Ipec, agora está em 16 pontos. É um dado dramático para o presidente, que tem rejeição de 50%. Lula pode levar no primeiro turno, já que soma 52% dos votos válidos. Pesquisa Quaest indicou que 33% dos eleitores de Ciro e 24% dos eleitores de Tebet poderiam mudar de voto "para Lula vencer no primeiro turno".

CAMPANHA Apoiador de Ciro Gomes, Caetano Veloso participa de movimento pelo voto no primeiro turno em Lula

No meio do fogo cruzado, candidatos de centro, que lutam para se manter no páreo como alternativas, criticam Lula pela ofensiva. Ciro Gomes acusou o PT de liderar um "fascismo de esquerda" e de tentar "aniquilar as alternativas". Soraya Thronicke (União Brasil) classificou a estratégia como um "absurdo" e declarou que o petista tenta causar "medo naqueles que não gostam do Jair". Simone Tebet alertou que a investida pode queimar pontes para alianças no futuro. Para o ex-candidato à Presidência Eduardo Jorge (PV), as campanhas dos dois principais candidatos atentam contra a democracia. Segundo ele, seus apoiadores miram, nas redes sociais, quem defende o voto em outros candidatos. "Basta olhar o meu Twitter. Vou votar na Simone Tebet e sou atacado pelos dois lados", exemplifica. "Uma coisa é argumentar, tentar convencer. Outra coisa é constranger." Apesar de ter conseguido o apoio de tucanos históricos, como Aloysio Nunes, Lula não foi bem-sucedido em obter o compromisso do senador José Serra, ainda que seus apoiadores tenham insinuado essa adesão. "Dizer que vou apoiar Lula, ainda mais pelo voto útil, é pura fake news. É PT sendo PT, que pensa que democracia vale só se for pra eles. Minha candidata é Simone", disse Serra.

CONTRA O GOLPE

A grita geral, todavia, não abalou o PT ou os partidos coligados, que sonham em liquidar a fatura no dia dois. Ali, a tese primordial é a de que, caso Lula vença no primeiro turno, reduzirá a munição de Bolsonaro para contestar a confiabilidade das urnas eletrônicas, já que, nesta etapa, o processo eleitoral, além da corrida pelo Planalto, envolve a disputa pela Câmara, pelo Senado e por governos estaduais. "Uma vitória maiúscula de Lula é importante para dar maior legitimidade às eleições. Fora isso, o Brasil não ganha nada com mais quatro semanas de campanha de ódio e de violência política. O principal argumento em torno do voto útil é justamente a postura de Bolsonaro", sustenta o presidente do PSOL, Juliano Medeiros.

A campanha do voto útil cresceu especialmente no meio digital. A proposta

"FRENTE AMPLA" Lula reúne ex-presidenciáveis no dia 19 para mostrar que conseguiu reunir apoio diversificado para sua campanha: a novidade foi a adesão de Henrique Meirelles (dir.), ex-ministro de Michel Temer

FOTOS: MARX VASCONCELOS/FUTURA PRESS; REPRODUÇÃO; RICARDO STUCKERT

dos apoiadores de Lula é inundar as redes com vídeos de cantores, atores, influenciadores e políticos que já atuaram como críticos do petista. O movimento já começou. "Sinceramente, acho que, mesmo a gente adorando o Ciro [Gomes] e respeitando o que ele planeja, tem que ser Lula", afirma Caetano Veloso, antigo eleitor do pedetista, numa das gravações. Apesar da ofensiva, o PT ainda é cauteloso. Não à toa, a campanha pelo voto útil não deve ganhar a televisão e o rádio — o discurso nesses meios, segundo dirigentes, soaria como desrespeito e poderia melindrar presidenciáveis que tendem a apoiar o petista. "Ele pede abertamente voto no primeiro turno em comícios, mas, na propaganda eleitoral, não vai se dirigir ao eleitor pedindo que ele deixe de votar nesse ou naquele candidato", diz o deputado Paulo Teixeira. Ainda assim, a ideia será propagada em atos populares, como no dia 24, nos comícios previstos para ocorrer em São Paulo.

ESTRATÉGIA DO PT

Uma campanha para combater a abstenção está em stand-by. Enquanto uma ala da campanha petista entende que ela poderia assegurar a "gordura extra" que Lula precisa para vencer, outro setor avalia que o maior comparecimento seria benéfico, na verdade, para Bolsonaro. Entre divergências e limitações, o QG lulista espera ver resultados logo na largada da próxima semana, partindo pela próxima pesquisa Ipec, que será finalizada dia 26. O progresso de Lula no último levantamento do instituto não decorreu da tática do voto estratégico, mas do avanço dele sobre os eleitores que ainda declaravam que votariam nulo ou branco. A expectativa por um novo crescimento não é desarrazoada, já que, segundo especialistas, a escolha de quem adere ao voto útil costuma ficar para a última hora, porque repercute somente no segmento dos indecisos e dos não convictos. "A reta final é aquele momento em que mesmo quem não queria Lula

CANDIDATOS CRITICAM O VOTO ÚTIL

CIRO GOMES

"Há um fascismo de esquerda liderado pelo PT. O que o Lula está querendo fazer é o mesmo que ele fez com a Marina Silva: asfixiar a todos que não têm reparo moral. Ele é um corrupto, e diz que só ele pode sobreviver diante de Bolsonaro, que é outro corrupto"

SIMONE TEBET

"Esta não pode ser uma eleição do voto útil. Lula, você anda falando de voto útil. Você está querendo enganar o povo mais uma vez? Se você, eleitor, acredita na mudança, o voto útil é aquele que traz esperança e afasta o medo. Inútil é escolher o menos pior"

SORAYA THRONICKE

"Votar útil é um absurdo. é mais uma forma de enganar a população. O primeiro turno existe justamente para que as pessoas possam escolher, e o Luiz está causando medo naqueles que não gostam do Jair. Isso é inadmissível"

ou Bolsonaro escolhe um lado para não desperdiçar o voto", diz a pesquisadora Maria do Socorro Sousa Braga (UFSCar). "Precisamos considerar também fatores de curto impacto — são frases, às vezes, mal colocadas ou cortadas que afastam segmentos. Em debates e sabatinas, por exemplo, Bolsonaro já falhou com mulheres, e Lula, com o agro."

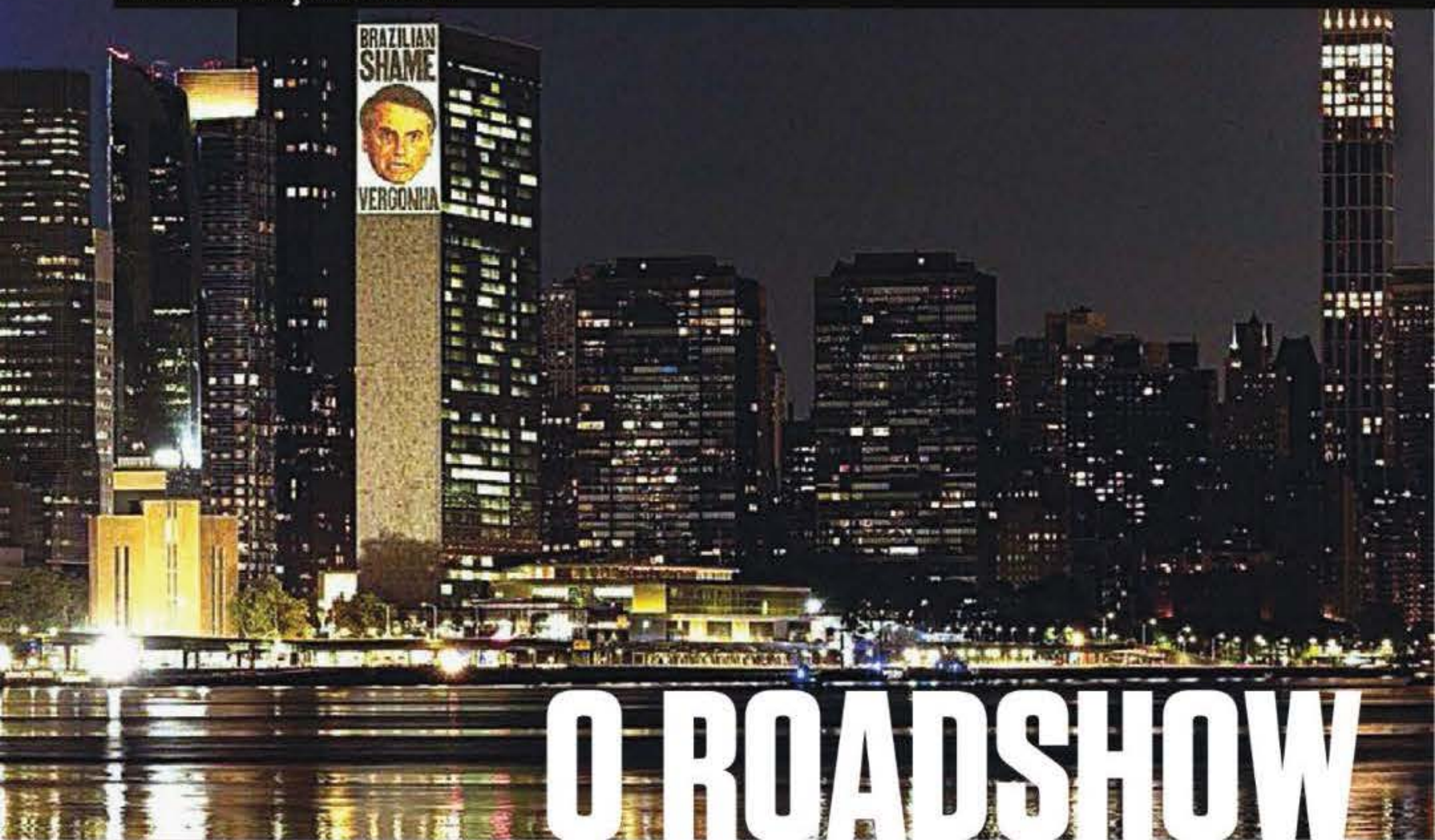
Em termos gerais, especialistas consideram ser impossível prever o alcance da estratégia do voto útil. Lula, porém, já conseguiu fazer um grande rebuliço. O engajamento nas redes em torno do assunto registrou 30 vezes mais interação no Instagram do que há um mês, e 19 vezes mais no Facebook no mesmo período, segundo levantamento feito pela Novelo Data em parceria com Essa Tal Rede Social entre os dias 12 e 18 de setembro. No âmbito político, levou correligionários de presidenciáveis, como Ciro Gomes, a rifá-los. O ex-deputado Haroldo Ferreira, por exemplo, pediu afastamento da vice-presidência da Fundação Leonel Brizola para declarar apoio a Lula. Segundo ele, pesou não somente a estagnação do pedetista nas pesquisas, mas, sobretudo, os ácidos ataques dele a Lula, o que o teria colocado como "linha auxiliar do bolsonarismo". "Essa não é a nossa prática política, mas de quem está no poder", disse. Na semana passada, um manifesto de pedetistas fez diversas críticas ao estilo do candidato, como "seu vocabulário chulo nos vídeos e redes sociais", e declarou voto em Lula.

"As campanhas dos dois principais candidatos constrangem. Uma coisa é argumentar pelo voto útil. Outra é constranger"
Eduardo Jorge, ex-presidenciável do PV

Para evitar novas dissidências e a desidratação eleitoral, Ciro tem pregado nas redes o voto por convicção no primeiro turno. "O Brasil não aguenta mais essa divisão superficial onde mais do mesmo brigam e colocam a gente pra brigar", anotou, nas redes. Simone Tebet tem uma estratégia distinta. A candidata do MDB ao Planalto não pretende repercutir a possibilidade do voto útil nas redes, muito menos na TV e no rádio. "É uma agenda do Lula. Não temos por que entrar nisso", diz um estrategista da senadora. "Vamos focar no Centro-Sul e no Sudeste do País, apostar em boas participações em sabatinas e debates do SBT e da Globo e acelerar para passar Ciro", finaliza.

Maior vítima potencial do voto útil, Bolsonaro tem de reverter a resistência de metade do eleitorado e conquistar novos votos ou recuperar ovelhas desgarradas para se manter no jogo. Além de fomentar o antipetismo, sua campanha prepara materiais mais focados nos resultados econômicos do governo, como o crescimento do PIB e a redução da inflação. A preocupação no QG, contudo, é sobre a efetividade da estratégia, quando nem sequer um megapacote social rendeu um grande percentual de votos ao presidente. Se, de fato, Lula conseguir o triunfo nas urnas ainda no primeiro turno, conquistará uma vitória atípica no meio eleitoral, já que, desde a redemocratização, somente Fernando Henrique Cardoso conseguiu o feito. E, pela façanha, o petista poderá agradecer ao seu melhor inimigo, o atual presidente. ■

Colaborou Gabriela Rölke

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O ROADSHOW ELEITOREIRO

Bolsonaro aproveita viagens ao exterior para fazer campanha, chamusca imagem do Brasil, fere lei eleitoral e irrita ingleses. Presidente pode ter cometido abuso de poder

Ana Viriato

VEXAME EM NY Projeção na lateral do prédio da ONU chama Bolsonaro de "vergonha". No Empire State Building, menções a "Broxonaro" e "Tchutchuca do Centrão"

Após vestir a faixa presidencial, Jair Bolsonaro levou apenas seis meses para voltar atrás em uma promessa feita ao eleitorado que ansiava pela nova política em 2018 e confessar a ambição pela reeleição. Desde então, o capitão reduziu a máquina pública a um mero aparato para abastecer a própria campanha. Para crescer nas pesquisas, apenas nos últimos meses, cortou impostos de centenas de produtos supérfluos, ampliou o valor de programas sociais, implementou novos benefícios — mesmo sem dinheiro em caixa - e interferiu na Petrobras pela redução dos valores dos combustíveis, quando percebeu que a alta da gasolina e do diesel poderiam lhe custar o mandato. Em busca de um seguro para uma investida antidemocrática, transformou a Esplanada dos Ministérios em palco para extremistas no Sete de Setembro. Na reta final da disputa eleitoral, a postura não seria diferente. Às custas do dinheiro do contribuin-

FOTOS: CLÁUDIO MARQUES/FUTURA PRESS; TON MOLINA/FOTOARENA/FOLHAPRESS

PALANQUE Bolsonaro discursa para apoiadores do balcão da casa do embaixador em Londres, dia 18. Abaixo, o discurso na Assembleia Geral da ONU, em Nova York, teve autoelogio sobre vacinas e ataques a Lula

te, Bolsonaro fez um roadshow no exterior em uma das últimas apostas para ganhar musculatura na corrida.

Voando nas asas da Força Aérea Brasileira, Bolsonaro aproveitou os convites recebidos na condição de presidente para o funeral da rainha Elizabeth II e o discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU e criou brechas para, como candidato, vender a imagem de um líder popular, reforçar a linha ideológica do governo e atacar Lula, lucrando com a exposição midiática. Nas investidas tresloucadas, não apenas cometeu ilícitos eleitorais, como chamuscou ainda mais a imagem do Brasil perante a comunidade internacional. "O presidente é um aproveitador contumaz das facilidades e mordomias do Estado e não se envergonha em fazê-lo em quaisquer circunstâncias, mesmo nas mais inadequadas", pontua o diplomata Paulo Roberto de Almeida. "Nos dois compromissos internacionais, ele não se privou em fazer campanha, em níveis, inclusive, vulgares. É constrangedor para o Brasil", completa.

Em solo britânico, do alto da sacada da residência oficial do embaixador brasileiro em Londres, Bolsonaro mostrou ao mundo no dia 18 o quão vis ele e a militância podem ser. Diante de uma Inglaterra enlutada, o presidente discursou à claque e voltou a levantar suspeitas sobre o sistema eleitoral brasileiro e a repetir slogans da campanha. "A nossa bandeira sempre será das cores que temos aqui: verde e amarela", declarou. Um dia depois, enquanto os extremistas voltaram a se amontoar no local, um britânico demonstrou indignação. "Esse é o dia do funeral da rainha. Demonstrem algum respeito", disparou o homem, que se identificou como Chris Harvey. Em resposta, os bolsonaristas sugeriram que ele fosse embora – o mesmo tratamento acabou dispensado aos jornalistas da BBC, rede de TV pública do Reino Unido. A imprensa internacional estampou perplexidade com os episódios. O conservador "The Times" escreveu no título de uma matéria: "Bolsonaro rompe o luto para marcar pontos políticos".

CERCADINHOS

Na sequência, em Nova York, Bolsonaro usou o púlpito da ONU para rememorar, de forma velada, os escândalos do mensalão e do petrolão e atribuir a Lula a responsabilidade pelos esquemas, frisando que o petista foi condenado em três instâncias, sem sublinhar, claro, que as sentenças foram anuladas. O presidente ainda assegurou ter extirpado a corrupção sistêmica, apesar dos escândalos dos pastores lobistas do MEC e do orçamento secreto, por exemplo, e classificou os atos do Sete de Setembro como "a maior demonstração cívica da história do País". Ele concluiu o pronunciamento com o principal lema da campanha: "Deus, Pátria, família e liberdade". Para além do evento, o presidente não tinha nenhuma agenda bilateral marcada. Aproveitou o tempo livre, então, para confraternizar com apoiadores e, mais uma vez, impulsionar o vergonhoso coro que lhe promove como "imbroxável". Enquanto o capitão transformava agendas importantes no cercadinho do Alvorada, mensagens de protesto eram reproduzidas em marcos arquitetônicos da cidade norte-americana. "Tchutchuca do centrão", dizia uma das frases.

Para juristas e partidos políticos, Bolsonaro praticou abuso de poder político e econômico nos dois compromissos oficiais, porque valeu-se do cargo e da estrutura pública à sua disposição para buscar uma vantagem em relação aos oponentes. "Para evitar o desequilíbrio na disputa, as regras eleitorais proíbem, por exemplo, o uso de bens móveis e imóveis da administração em campanha. No caso de Londres, o presidente infringiu a norma desde o início do voo em um avião da FAB até o discurso em um prédio público do corpo diplomático brasileiro", explica o professor Flávio de Leão Bastos Pereira, doutor em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. "Nos EUA, vale a mesma premissa. É muito fácil identificar que o discurso na ONU foi de candidato, e não de chefe de Estado, porque Bolsonaro se ateve a realizações do governo no plano interno e ao reforço de plataformas ideológicas de costumes voltadas para seu eleitorado. Esse teor não guarda qualquer relação com grandes questões internacionais e de geopolítica."

Não se trata, aliás, apenas de uma questão pessoal do candidato Jair. Como as agendas tiveram claro cunho eleitoral, as despesas, incluindo os voos da FAB, teriam de ser pagas pelo PL. Fontes do partido, no entanto, afirmam que os gastos ficaram a cargo do Planalto. Caso a Justiça identifique a omissão, a sigla pode ser penalizada com o pagamento de multa, por exemplo. No TSE, há um entendimento claro de que Bolsonaro estica a corda por saber que, por ora, a Corte não reagirá à altura para evitar acusações de parcialidade. O absurdo foi banalizado no Brasil. ■

ESQUEMA ARMADO

Com a escalada da violência política, STF e TSE alinham protocolos de segurança para o pleito deste dois de outubro, no primeiro turno das eleições. Há preocupação com o clima de "guerra" entre bolsonaristas e petistas

Ana Viriato

A campanha de 2022 demonstra em tempo real os riscos do radicalismo político. Em um ambiente tomado pela polarização e por conspirações eleitorais, as ruas tornaram-se palco de ameaças verbais, agressões físicas e assassinatos. Para extremistas, simples divergências políticas viraram justificativa para a barbárie. Não à toa, mais da metade dos brasileiros diz ter medo de serem vítimas de violência ao assumirem suas escolhas por candidatos ou partidos. É esse o clima que permeia o País às vésperas do primeiro turno das eleições, conhecido até então como a "festa da democracia". Com o temor alastrado, o PT prepara orientações para a militância e estuda o reforço da segurança de Lula. O Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral, emaranhados pelos ataques de Jair Bolsonaro, ampliaram as medidas de proteção em relação a 2018.

A preocupação está alinhada aos últimos acontecimentos no país. Somente nesta semana dois casos chamaram atenção. Um pesquisador do Datafolha foi agredido com chutes e socos por um bolsonarista em São Paulo – o instituto, que tem apontado os maiores índices de vantagem de Lula na corrida presidencial, sofre críticas diárias do clã Bolsonaro e chegou a ser alvo de protestos na mobilização do Sete de Setembro. E o empresário Luiz Henrique Crestani divulgou nas redes um vídeo em que pratica tiro ao alvo com a mira numa imagem do ex-presidente. Antes disso, neste mês, houve episódios, com cunho eleitoral, de tiros em um culto, confrontos em comícios e assassinato de um petista morto a facadas no MT.

Um dos coordenadores da campanha de Lula no DF, Geraldo Magela, disse que em julho, durante uma visita de Lula a Brasília, o partido chegou a pedir que apoiadores não andassem com camisas vermelhas até o local do ato popular. "Vemos sinais de temor em todos os lugares. O número de carros adesivados que manifestam claramente seu voto a candidatos de qualquer partido, por exemplo, diminuiu muito em relação a outras campanhas. Isso é resultado do clima pesado. Temos falado em reuniões pequenas que precisamos

FOTOS: CLÁUDIO MARQUES/FUTURA PRESS; TON MOLINA /FOTOARENA/FOLHAPRESS

VIGILÂNCIA
A segurança em torno do Planalto, Congresso, TSE e STF é quatro vezes maior do que foi montado na eleição de 2018

vencer o medo, mas sem, jamais, entrar em discussões na rua", recomendou.

A proteção do próprio Lula, claro, também é tema de alerta e, por isso, o número de agentes da PF e de seguranças privados será ampliado no dia da votação. A programação do petista para o dia não está fechada. O ex-presidente votará em São Bernardo do Campo, no ABC, e acompanhará a apuração em casa ou no comitê de campanha. Um ato na Avenida Paulista depois da divulgação do resultado é cogitado, mas há ponderações justamente sobre os riscos.

Do lado de Bolsonaro, aliados afirmam que não há grandes preocupações com o clima de dois de outubro. O presidente votará na Vila Militar, na zona norte do Rio, onde a segurança já é, por óbvio, reforçada. Além disso, os agentes que o acompanham monitorarão as áreas interna e externa do setor.

Cerca de 11,5 mil policiais serão escalados para um grande esquema de segurança em Brasília. Eles reforçarão a proteção ao TSE presidido por Alexandre de Moraes

De acordo com a campanha, o capitão não decidiu onde acompanhará a apuração, mas a tendência é de que permaneça em seu berço eleitoral.

ESQUEMA EM BRASÍLIA

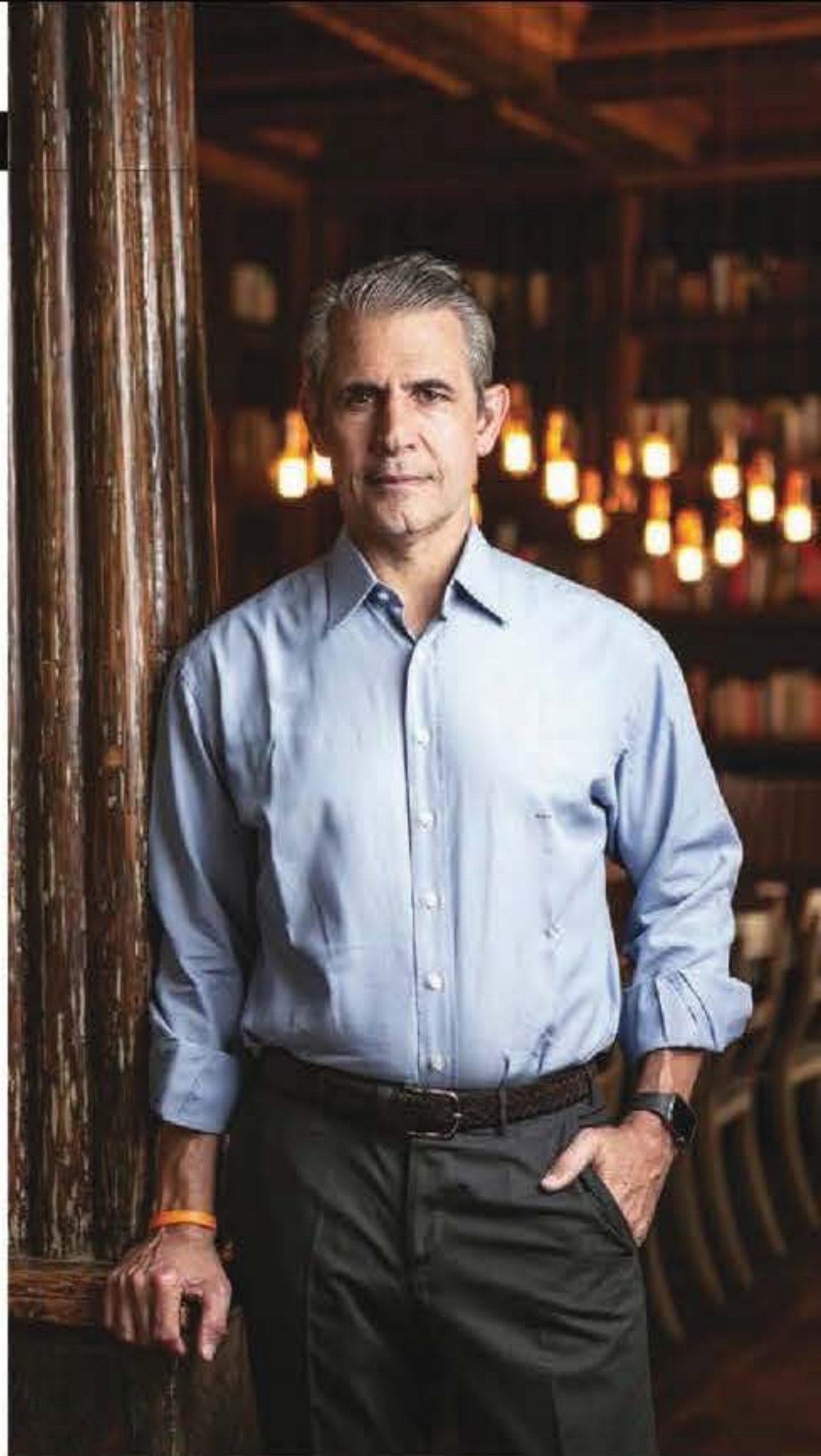
No Distrito Federal, cerca de 11,5 mil profissionais, entre policiais civis, militares, bombeiros e servidores do Departamento de Trânsito, serão escalados para trabalhar, o que representa uma equipe quatro vezes maior do que o efetivo de 2018. O número não leva em conta os policiais judiciais, que reforçarão o time responsável por proteger o TSE e o STF. Além disso, boa parte do esquema de segurança do Sete de Setembro tende a ser reciclado. A Esplanada dos Ministérios pode ser fechada, numa medida de proteção de prédios públicos.

O planejamento conta, ainda, com barreiras antidrone em torno dos tribunais. No TSE o receio é maior, porque os ministros da Corte estarão de plantão no dia, assim como equipes jornalísticas para transmissão das informações. O paradeiro dos magistrados do STF, por outro lado, não será informado, mas cada um deles conta com um grupo de agentes da Polícia Judicial treinados para adoção de protocolos em diversos cenários possíveis. Com o mega-esquema, a concepção geral é de que não há risco de invasão de grupos aos tribunais. Ainda assim, haverá atenção aos "lobos solitários", que podem tentar furar bloqueios e chegar perto dos edifícios-sede. A Polícia Militar deixará grupos da tropa de choque ao lado dos tribunais. O mutirão de iniciativas visa a evitar a ampliação do clima de "guerra" depois das eleições, sobretudo se Lula vencer no primeiro turno. De qualquer forma, o caos não pode continuar. ■

O QUE O NOVO TRAZ DE NOVO

Postulante à Presidência pelo Novo Luiz Felipe D'Avila diz que a polarização não é a tônica apenas dessa eleição, é de muito tempo atrás. E quem a instituiu foi o PT. "Eles criaram a narrativa do 'nós' e 'eles'. Isso é inaceitável em uma democracia."

Mirela Luiz

Cientista político, empreendedor, fundador do Centro de Lideranças Públicas (CLP), marido da Ana Maria, pai de quatro filhos, é um otimista. É assim que Luiz Felipe D'Avila se define. Ele é de uma família com tradição na

LIBERAL, MAS NEM TANTO...

Em sua casa no Jardim Europa, área nobre de São Paulo, D'Avila falou sobre o que o levou a disputar a Presidência e qual o futuro que sonha como ideal para a população brasileira

O partido Novo diz que não faz uso do fundão, como faz para manter as campanhas?

Financiamos nossas campanhas com doações privadas. Tem muita gente que acredita nas nossas propostas e são parte desse processo como doadores. Eles confiam. Como deveriam fazer todos os partidos. Dinheiro público deve ser devolvido à população em forma de serviço público, não em santinho, propagandas milionárias ou jatinhos.

Hoje, para cargo majoritário, vocês têm apenas o Zema, em Minas Gerais. Como vê o futuro do partido?

Vamos crescer, dobrar nossa bancada. A eleição de Zema, em Minas Gerais, e sua reeleição são a prova de que é possível fazer política com honestidade, responsabilidade fiscal e entrega de serviços públicos. Estamos no caminho certo. Não é o mais curto, nem o mais fácil. Mas ser coerente, no cenário político brasileiro, exige coragem. Temos de sobra. E vamos, a cada nova eleição, ampliar nossos espaços para levar à população a certeza de que a política pode ser diferente.

O Novo se apresenta como um partido liberal. Vocês pretendem, caso eleito, privatizar as estatais, como a Petrobras?

Somos liberais. Aliás, somos o único partido realmente liberal no Brasil. E nós vamos, sim, fazer privatizações, incluindo a Petrobras. Tem um dado que talvez seja desconhecido da imen-

política nacional. É neto do deputado federal João Pacheco e Chaves (MDB-SP), já falecido, que presidiu o extinto Instituto Brasileiro do Café (IBC) e foi secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Dono do maior patrimônio declarado na Justiça Eleitoral (R$ 24,6 milhões), o candidato a presidente da República pelo partido Novo tenta uma missão praticamente impossível: romper a bolha da polarização política travada nesta eleição entre Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

Com raízes do pensamento liberal, o partido Novo, do qual D'Avila é filiado, nasceu com a proposta de ser uma opção fora do convencional, mas se perdeu em si mesmo com divergências internas e não deslanchou.

O programa de campanha de D'Ávila tem clara inspiração empresarial, com cada uma das dez prioridades de governo sintetizadas por uma "visão". O lema é 'Mais oportunidades, menos privilégios' e, ao longo do texto, defende uma sociedade que "valorize o sucesso e não o vitimismo". O "grande sonho" do candidato é chegar a um País onde "todos possam viver com igualdade de oportunidades".

Algumas das críticas repetidas pelo candidato em todos estão em todos os lugares no programa de governo: os parlamentares brasileiros seriam os mais caros do mundo e o fundo partidário, que segundo ele, em menos de 50 dias de campanha já se gastou R$ 5 bilhões de recursos públicos em santinhos, jatinhos, propagandas mentirosas e disseminação de desinformação é, uma excrescência.

O Novo, que este ano disputa as eleições presidenciais pela segunda vez, gosta de se definir não como uma legenda de direita, mas como um partido "liberal", que prega a menor participação do Estado na economia e também na esfera social. Ao mesmo tempo em que defendem desregulamentação do mercado, acreditam que os indivíduos devem ser livres para optar, sem interferência do Estado, sobre as mais diversas questões. As bandeiras mais levantadas nessa campanha, principalmente por conta dos principais adversários, são o porte de armas, a orientação sexual, o uso de drogas, a liberdade religiosa e o fim de gestações indesejadas.

Oscilando na faixa entre zero e 2% das intenções de votos nas pesquisas, poderia ter sido o nome da tão desejada terceira via, o que não aconteceu; o candidato atribui o fracasso do movimento às pretensões fisiológicas e personalistas de poder, que impediram a união dos candidatos em torno de um projeto para o Brasil. Aos assuntos mais desconfortáveis, como a ligação de alguns parlamentares da bancada de seu partido com o bolsonarismo, ele é categórico: "Nosso lado é em defesa do pagador de impostos, não de A ou B. Essa afirmação me parece equivocada ou simplista demais". ■

"O PT é como uma saúva: aos poucos foi aparelhando tudo, foi corroendo por dentro as instituições, foi aperfeiçoando os esquemas de corrupção..."
Luiz Felipe D'ávila, candidato à presidência da República pelo Novo

sa maioria dos brasileiros: de 2012 a 2021, as estatais brasileiras deram um prejuízo de R$ 160 bilhões aos cofres públicos. Ou seja, R$ 160 bilhões deixaram de ser investidos em educação, saúde, combate à fome e foram tapar os rombos das empresas que são verdadeiros cabides de emprego. Privatizar é abrir a concorrência e todos nós sabemos que a concorrência faz bem. O monopólio é uma verdadeira tragédia.

Por que a terceira via não engrenou para a eleição presidencial?
A terceira via não existiu. Eu fui uma das pessoas que ajudou a criar um movimento que tinha muitos nomes. Mas as discussões tomaram um rumo em torno de alianças nos estados, principalmente, e não em torno de propostas para o País. Houve uma incapacidade de os partidos entenderem que o cenário deveria discutir os problemas do país e não os palanques regionais. Isso frustrou não só a viabilização de uma candidatura unificada para enfrentar a polarização, como aniquilou aqueles que apresentaram seus nomes.

Como acabar com essa polarização política? Acredita que ao acabar esse pleito, podemos ter uma trégua?
A polarização não é de agora. É de muito tempo atrás. E quem a instituiu foi o PT. Eles criaram a narrativa do "nós" e "eles". Primeiro contra o PSDB. Agora, contra Bolsonaro. Deixam de lado os interesses da população em nome de um projeto de poder. Isso é inaceitável em uma democracia. Aliás, o PT é como uma saúva: aos poucos foi aparelhando tudo, foi corroendo por dentro as instituições, foi aperfeiçoando os esquemas de corrupção... Tudo isso enfraquece a democracia de uma forma velada, em que eles mentem para a população. É um cenário difícil para o País, para a democracia e para o futuro das próximas gerações.

Entre Lula e Bolsonaro, em um segundo turno, para quem vai seu voto?
Segundo turno a gente discute no segundo turno.

FOTO GABRIEL REIS

INGRESSOS À VENDA

universospanta.com.br

IVETE SANGALO ✦ LUDMILLA

LUÍSA SONZA ✦ THIAGUINHO

ZECA PAGODINHO ✦ PABLLO VITTAR

EMICIDA ✦ GILSONS PART. GILBERTO GIL

MAIARA E MARAISA ✦ MATUÊ

MELIM ✦ BAIANASYSTEM ✦ LAGUM

DUDA BEAT ✦ JORGE E MATEUS

GAL COSTA ✦ L7NNON ✦ ALCIONE

E MUITO MAIS!

#VemQueVaiSerLindo

Predador sexual faz CHANTAGEM

DEFESA
O ex-ministro Gilson Machado nega as acusações, diz que são infundadas e chama Brennand de sociopata

Denunciado pelo Ministério Público de São Paulo por vários casos de violência sexual, Thiago Brennand ataca o ex-ministro do Turismo: "Gilson Machado é corrupto, bandido e frouxo"

Vicente Vilardaga e Elba Kriss

Acusado de cometer violência sexual contra doze mulheres, o empresário Thiago Brennand Fernandes Vieira, de 42 anos, atualmente no exterior, é um homem perigoso. Não só por seu comportamento agressivo e criminoso com o sexo oposto, mas também pelo apreço por armas de uso restrito (tinha o chamado registro CAC) e pelas relações tumultuadas com o centro do poder e com o governo Bolsonaro. Herdeiro improdutivo de uma rede médico-hospitalar em Pernambuco, filhinho de papai e cada vez mais acuado pela Justiça, ele se dedica, desde Dubai ou de qualquer lugar onde esteja, a negar as denúncias de abusos que o atingem com empáfia e a desancar desafetos. Foi o que fez com o primo Jason Vieira, que enfrenta um câncer, e para quem, em uma obscura demonstração de crueldade, mandou um caixão de presente. Nos últimos dias, porém, com aparente conhecimento de causa, Brennand passou a acusar o ex-ministro do Turismo e sanfoneiro Gilson Machado, candi- >>

MANOBRA DIVERSIONISTA

Na última quarta-feira (21), o empresário **Thiago Brennand** procurou a ISTOÉ para pedir "direito de resposta". No entanto, não para falar sobre as denúncias de estupro ou os supostos rituais de tatuagens nas vítimas. Seu desejo era se manifestar somente a respeito dos áudios em que ele aparece ameaçando e chantageando Gilson Machado, ex-ministro do Turismo. À reportagem, Brennand se disse indignado pelo caso ter repercutido. Em sua defesa, enviou prints de seu WhatApp que sustentariam sua versão de que ele pertencia, sim, ao círculo de Machado. Mais do que isso: era um conselheiro político do ex-ministro, que lhe enviava fotos de sua rotina no gabinete e agradecimentos pelos pitacos do colega. Confira:

Qual era sua relação com Gilson Machado? Era uma troca de favores?

Ele se apresentou a mim num clube de tênis e pediu ajuda, queria fundar o Patriotas. Apesar de eu sempre tentar contribuir da melhor maneira para o Brasil - País em que não moro há mais de 25 anos - não aceito contrato público, cargo público e nenhum tipo de verba pública. Ajudei ele a chegar aonde está, como você pode ver nos prints de tela: ele me mandando fotos dizendo que seguiu meu conselho com o General Heleno. Ele me mandou um vídeo agradecendo, de dentro do gabinete dele, com a bandeira do

“Você é frouxo, não segura a onda de ninguém, entendeu? É corrupto, vai meter a mão no dinheiro, só ajuda quem você acha que pode estar ali com você numa coisa legal”

ATAQUE
Acuado por denúncias de violência sexual, Brennand revela sua atuação nos bastidores da política

Brasil atrás. E agora soltaram um áudio em que ele me fez ataques virulentos, me classificando como um denunciado. O fato de ser denunciado não deveria ser usado contra ninguém. Nunca fui condenado. E se denunciado fosse algum tipo de problema, ninguém concorria à presidência da República. Acho que ele foi covarde e oportunista porque está concorrendo a um cargo eletivo.

Você cometeu violência sexual contra as onze mulheres?

Você vai ver quando eu revelar a farsa das mulheres. Aí você vai ver.

Sua relação com o Gilson era de amizade ou negócios?

Não aceito negócios com o governo. O que reclamo ali é que, quando começam, as vendas da Covid-19, mando eles para cima das excrescências, e ele se acovarda. Jamais quis ou tive negócios com o governo, com o Estado, com nada. Poderia ter me elegido dentro de Pernambuco com recursos próprios. Nunca o fiz. Nunca quis. Nunca quis imprensa. Nunca divulguei nada meu. Sempre fui uma pessoa muito reservada

Quando você diz que cobrou ele como cidadão, foi em relação a quê, exatamente? Houve corrupção?

Às excrescências que começaram nas compras, quando estavam fazendo hospitais de campanha e comprando respiradores. Eu disse: 'Vão roubar aí' e 'Você vai conseguir pegar os ladrões todos'. E ninguém foi para cima. Ele é corrupto e bandido. Fui me desgastando. Ele começou com um cargo pequeno, depois foi para a Embratur e depois, ministro. Um cara que não era ninguém. Vi que ele começou a ficar tomado pelo vírus do poder. Tanto que é candidato a senador agora. >>

FOTOS: ALEXANDRE BRUM/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

>> dato ao Senado em Pernambuco, de corrupção quando exercia o cargo e a questionar seu caráter. Bolsonarista convicto, ele tem acesso a informações de altos círculos de influência. O empresário divulgou vídeos, gravações e prints de conversas que confirmam o vínculo com Machado e deu uma entrevista à ISTOÉ em que destila rancor contra o ex-amigo.

Pelo material divulgado por Brennand se deduz que os dois tiveram um relacionamento próximo que envolvia troca de favores e possível tráfico de influência. Eram conhecidos de Recife, cidade de ambos, e trocavam fotos de acontecimentos políticos pelo WhatsApp durante algum tempo. Houve, porém, um desentendimento entre eles durante a pandemia, Brennand se sentiu usado e disse que o conterrâneo tentou se aproveitar dele (veja entrevista abaixo). "Usou meu nome, como um áudio do ex-ministro Bebianno deixa claro, me chamando de primo dele. Me pediu conselhos e me ligava de seis a oito vezes por dia. Chegou a pedir que eu convidasse pessoas para ministérios", conta o empresário. Em uma gravação de maio de 2020 que veio à tona nesta semana, ele chama o ex-ministro de "corrupto", "frouxo", "bandido" e o intimida dizendo que o pegaria "pelos cabelos". Também sugere uma relação com Bolsonaro em uma fala recheada de palavrões, que levantam clima de chantagem. À imprensa, o atual candidato ao Senado pelo PL afirmou não ter "nenhuma ligação com esse cidadão". Em um desenrolar do caso, Machado foi exposto em um novo áudio em que denomina o agora rival de "sociopata" e resume o episódio a uma "patifaria". Ele nega as acusações e se defende: "Se esse cara estivesse me elogiando é que era um problema". Em nota oficial, disse também que "as acusações infundadas não passam de um ataque político".

"Esse homem chegou até esse ponto, prejudicando a vida de várias pessoas, só porque prega que com dinheiro e poder tudo se resolve, espalhando o medo. Mas levanto minha voz"

Alliny Gomes, modelo e vítima de Brennand

Depois de agredir brutalmente a modelo Alliny Helena Gomes, de 37 anos, em uma academia de ginástica em São Paulo porque ela resistiu às suas investidas, Brennand foi acusado por outras 11 mulheres que começarão a ser ouvidas pelo Ministério Público na segunda-feira, 26. As supostas vítimas relatam várias situações envolvendo o empresário como cárcere privado, sexo sem camisinha, agressões físicas e verbais, stalking (perseguição) e tatuagem forçada com as iniciais de seu nome, TFV. Os depoimentos das mulheres foram reunidos pelo escritório de advocacia Janjacomo e pelo projeto Justiceiras. A agressão a Alliny o transformou em réu na Justiça pelos crimes de lesão corporal e corrupção de menores - numa gravação ele incentiva o filho, menor de 18 anos, a ofender a vítima. O caso trouxe uma enxurrada de outras

O ex-ministro abusou da sua relação de amizade?
Eu era confidente dele. Ele me pediu orientações políticas. Ele se apresentava como meu primo. Ninguém conhecia o Gilson e todo mundo me conhecia. Ele era um reles desconhecido que surfou na onda do Jair Bolsonaro.

Você se sente usado politicamente?
Estou sendo usado de todas as formas como palco. Mas o Gilson está me atacando porque me acha fragilizado no momento, porque estou sob ataque da mídia. Um canalha.

Você tinha amizade ou negócios com Bolsonaro?
Nunca. O presidente é um homem que admiro muito. Acho apenas que ele está cercado de falsos aliados.

Quando um áudio desse cai na mídia, diante de seu histórico recente, começa a se traçar um perfil seu na mídia, concorda?
Já foi traçado. Mas a mídia traça perfis de todos. Quem escapou? Os dois candidatos à presidência: um é chamado de genocida e o outro de ladrão.

O que você quer do Gilson?
Distância. Ele não vai ganhar para o Senado. Nunca foi ninguém. É lamentável ele tomar uma atitude dessa, que pode atingir um presidente, que não tem nada a ver com isso.

Sua preocupação era o caso res-

TATUAGEM Uma das onze mulheres que denunciam o empresário por violência sexual diz ter sido obrigada a tatuar as iniciais do algoz

acusações e o perfil sombrio do empresário repercutiu. Nas redes sociais, ele ostentava sua coleção de armas – seu registro foi suspenso pelo Exército e, segundo relatos de testemunhas, ele persegue e ameaça mulheres que recusam suas abordagens pessoalmente ou pela internet. Há ainda questões de violência gratuita, como o caso de Vítor Machado, garçom que apanhou do bon-vivant em um condomínio de luxo, em São Paulo. O rapaz foi acusado de passar em alta velocidade com a moto na frente da casa do empresário, que se incomodou e o atingiu com socos.

A promotora Silvia Chakian, coordenadora do Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência, e o promotor Josmar Tassignon Júnior, de Porto Feliz, lideram a investigação. As mulheres terão suas identidades resguardadas até a conclusão das apurações. Em nota, o MP-SP comunicou que as oitivas serão "sigilosas" e que, no momento, "os promotores preferem não se manifestar". O mesmo informou o MP de Porto Feliz, uma vez que tudo "tramita sob segredo de Justiça". No caso da tatuagem, trata-se de uma mulher de Porto Feliz (SP), que narra ter conhecido seu algoz pelas redes sociais. Ela conta que, em um dos encontros, ele passou a ser violento desferindo tapas na sua cabeça e no rosto. Alega também ter ficado em cárcere privado, de onde saiu após pedir ajuda para um irmão que acionou a polícia. Às autoridades, Brennand negou as acusações e foi favorecido por um depoimento do tatuador, que afirmou não ter visto agressão.

Thiago Brennand é um herdeiro profissional, um dos cinco filhos do fundador de uma rede hospitalar de Recife que reúne alguns dos maiores hospitais da cidade, como o Santa Joana. Na sua árvore genealógica, aparecem o conhecido colecionador de arte Ricardo Brennand e o ceramista Francisco Brennand. Mas ele é rejeitado pela família. Na primeira semana de setembro, antes das primeiras denúncias ao MP, ele viajou para Dubai e é aguardado pela Justiça até sábado, 24, prazo final para que seja considerado fugitivo. Ele se diz vítima de uma história criada com "viés político". "Não passa de um teatro e a maioria das acusações são falsas". Para Alinny, o importante nesse processo é denunciar. Em carta enviada à reportagem, ela pede que ninguém se cale. "As imagens falam mais do que mil palavras. Nós mulheres temos o direito de falar 'não' e devemos ser respeitadas por isso", diz. "Esse homem chegou até esse ponto, prejudicando a vida de várias pessoas só porque prega que com dinheiro e poder tudo se resolve, espalhando o medo. Pois, levanto minha voz e mostro o meu rosto para dizer que nem todos são corruptíveis e que a Justiça funciona nas mãos das pessoas certas", conclui. ■

pingar no presidente?
Não colocaria dessa maneira. Como diria Martin Luther King Jr.: 'A injustiça em qualquer lugar é sempre uma ameaça à Justiça em toda parte'.

Quando você chama alguém de traidor, bandido e afirma que a pessoa furou com você, isso não é uma chantagem?
Desculpa, não é. Chamei ele de 'traidor', porque nós não tínhamos intenção política. Inclusive, lembre-se do discurso inicial do próprio presidente sobre combate irrestrito à corrupção. Essa é minha bandeira. Nunca tive uma condenação na vida, nem no Juizado Especial Criminal. E, fora do Brasil, nunca nem soube onde era a estação de polícia.

Sobre as denúncias envolvendo seu nome, como as mulheres com tatuagens e a questão do seu primo...
Tenho um pouco de reserva sobre essa questão do meu primo. Um cara que já teve onze internações e três overdoses. Ele que começou, simplesmente, a achincalhar um filho de um amigo nosso, que morreu de câncer. Ele tem uma raiva minha porque a mãe dele foi pega furtando quando eu era presidente da principal empresa da família. Este herdeiro, que classificam, foi presidente da principal empresa da família.

Você está em Dubai agora?
Isso a gente conversa depois.

FOTOS: REPRODUÇÃO

BRUNO NUNES

É ESPECIALISTA EM COMPORTAMENTO HUMANO E TDAH

Tem transformado a vida das pessoas mostrando que uma pessoa com TDAH pode ser indistraível!

Bruno Nunes, tem 40 anos, nascido em Belém – PA, é Professor Licenciado em Letras e Pós Graduado em Programação Neurolinguística, Neuropsicopedagogia e TDAH. Aos 21 anos de idade foi diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e hoje atua transformando a vida das pessoas com essa mesma condição. É uma das maiores personalidades digitais do país quando se fala sobre TDAH.

"Sempre fui uma criança hiperativa e até meus 21 anos de idade nunca sequer suspeitei de ter TDAH. Quando recebi o diagnóstico, comecei a fazer o tratamento e me descobri na área da educação. Me aprofundei no mundo do comportamento humano através dos treinamentos de imersão de gerenciamento emocional, dos quais me tornei Head Trainer", disse.

Bruno já transformou a vida de milhares de pessoas com as suas técnicas.

"Passei a dar cursos de foco e de concentração com o uso de técnicas de Programação Neurolinguística, fiz todas as formações em Coaching. Criei um Instituto de cursos e treinamentos presenciais: o Instituto Evolução, que faz parte da Irmãos Nunes Treinamentos, que pertence a mim e minha irmã. Conduzimos cursos em Programação Neurolinguística e uma mentoria online focada em pessoas com TDAH", explicou.

"A pergunta que mudou minha vida por completo foi de um amigo questionando porque eu não falava diretamente com as pessoas que assim como eu, possuem o TDAH? Eu me surpreendo todos os dias com o quanto eu posso ser útil compartilhando as soluções que descobri ao estudar por quase 20 anos esse cérebro hiperativo e dividindo também outras soluções que precisei desenvolver pra que a minha vida pudesse funcionar de maneira satisfatória, funcional e feliz", disse.

Bruno trilhou uma jornada de autossuperação e tem como missão melhorar a qualidade de vida das pessoas

Bruno é referência no país quando o assunto é TDAH, ele traz um rico conhecimento, transforma a vida das pessoas através das suas técnicas, seus cursos e mentorias online, mostrando que uma pessoa com TDAH pode vencer suas dificuldades. *"Hoje são inúmeros os médicos, psicólogos e profissionais de saúde e educação que veem me parabenizar pela abordagem com a qual conduzo o assunto, e mais do que isso, recomendam meu trabalho. Me orgulho em dizer que estou ajudando a construir um discurso mais resolutivo e prático com relação ao TDAH"*, concluiu.

As técnicas utilizadas por Bruno contribuem na formação de líderes mais capazes de transformar as suas próprias vidas conquistando seus sonhos para uma vida mais feliz e realizada. Seu trabalho auxilia pessoas com TDAH, ou quaisquer outros transtornos, ou quem quer aprender técnicas para gerenciar melhor a própria vida em termos de tarefas, tempo e o principal de tudo: felicidade.

Sobre sua missão de vida, ele tem como objetivo ajudar outros TDAHs do Brasil e do mundo, a se aceitarem mais. *"Minha meta é que eles possam aprender a lidar com o seu cérebro de maneira que alcancem seus objetivos de vida e se tornem consequentemente mais felizes"*, concluiu.

Para conhecer mais a história desse Educador que inspira pessoas através do seu trabalho acompanhe-o no instagram: @brunolimanunes

Jornalista Daniela Duarte

Conheça a história do empresário

GIOVANNI BEGOSSI,

que transforma a vida das pessoas por meio da comunicação

Giovanni Begossi, nascido em Campinas/SP e mais conhecido como El Professor da Oratória, é advogado e bicampeão brasileiro de oratória. Com 12 anos de experiência em comunicação que vão desde teatro e Toastmasters em Portugal a ser sócio extraordinário da Sociedade de Debates da Universidade de Coimbra, já ganhou +20 prêmios de debate e oratória em três línguas diferentes. Referência em comunicação, é criador do método Hiper Persuasão e mentor de grandes influencers, empresários multimilionários, políticos, atletas profissionais e até desembargadores do tribunal.

Porém, nem sempre foi só sucesso na vida de Giovanni. *"Por anos morei em uma rua de terra em um bairro tão inseguro que já me apontaram uma arma, acordava às 4:20 da manhã e pegava 6 ônibus lotados por dia. Ainda assim, sou grato aos meus pais, Eder e Ana, que sempre batalharam por mim e pelo meu irmão. E assim consegui me formar em direito em uma Universidade Federal como o melhor aluno da turma e me tornar advogado"*, disse.

Pouco satisfeito com a advocacia, Giovanni deu uma reviravolta na sua vida em 2021. "Tomei uma decisão que foi muito difícil: me despedir da profissão que me preparei 6 anos para trabalhar com internet. Pensei: *'E se eu começar a ensinar oratória nas redes sociais?' Mas no início meus posts tinham poucas curtidas e cheguei a fazer uma live para zero pessoas. Em novembro de 2021, fiz um curso online que não vendeu nada... foi uma época em que eu precisava sorrir quando por dentro queria chorar. O que eu não sabia era que tudo isso estava me preparando para algo melhor. Algo maior."* contou.

"Sempre falaram que eu parecia o El Professor, então mudei meu perfil do Instagram para El Professor da Oratória. Fizemos R$ 20 mil em 20 dias. Minha noiva, Micarla Lins, largou a faculdade de marketing e um estágio para empreender ao meu lado. Comecei a atender alunos ilustres como Tiago Reis (fundador da Suno) e Ricardo Mellão (então deputado estadual em São Paulo e candidato a senador). Em agosto de 2022, viralizamos e ganhamos 200.000 seguidores no Instagram em 1 mês sem investir em anúncios. Quando me dei conta, o meu perfil tinha se tornado um dos maiores perfis de comunicação do país. Nesse mesmo mês, recebi o prêmio de Orador do Ano pela Revista Caras, palestrei para 1500 pessoas no maior evento de marketing digital do Brasil (Convenção Digital) e fui entrevistado no Programa Pânico com 100.000 pessoas ao vivo".

Jornalista Daniela Duarte

Giovanni destaca que a sua maior missão é transformar a vida das pessoas com suas técnicas e ensinamentos. *"Eu era um nerd antissocial, não tinha amigos, não tinha uma personalidade agradável e sofria bullying. E depois de tudo isso, posso afirmar com certeza: se eu consegui, qualquer um consegue. Oratória não é só a habilidade mais lucrativa do mundo, como também é totalmente treinável. Minha missão é alcançar o maior número de pessoas para que tenham acesso a esse conhecimento, por isso criei o primeiro curso gratuito e gamificado de oratória do país, em que qualquer pessoa que envia Fase 1 no meu direct do Instagram já tem a comunicação transformada totalmente de graça"*, concluiu.

UM HOMEM DE SUCESSO: nasce o El Professor da Oratória, conhecido por sua brilhante atuação com persuasão.

Para conhecer mais sobre essa mente brilhante na área da comunicação, acesse suas redes sociais: @ElProfessorDaOratoria

Comportamento/Ensino

Educação esfacelada

Apesar dos graves problemas, muito pode ser resolvido se o MEC, num novo governo, voltar a funcionar, assumir seu papel de coordenador de políticas públicas e apoiar estados e municípios

Vicente Vilardaga

O próximo governo terá o desafio de tirar a educação pública brasileira de uma das maiores crises de sua história. Nunca, desde que os indicadores de desempenho educacional começaram a ser medidos, se viu um tombo tão grande de qualidade de ensino e de nível de aprendizado entre os alunos dos cursos fundamental e médio. Crianças de oito anos não conseguem interpretar um texto de duas linhas e nos primeiros anos de escola não sabem ler, escrever e nem fazer contas simples de matemática. Nos últimos três anos, o número de jovens estudantes do segundo ano do fundamental que não lêem nem mesmo palavras isoladas mais do que dobrou, saltando de 15,5% para 33,8% e regredindo aos níveis de 2013.

A qualidade da aprendizagem em matemática também caiu: se, em 2019, 16% das crianças não sabiam fazer operações básicas, como soma e subtração, hoje esse percentual é de 22%, segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), na sua primeira avaliação pós-pandemia. A situação atual ameaça o aprendizado de toda uma geração.

Educadores estão preocupados com a recuperação do tempo perdido e com o aperfeiçoamento do sistema de ensino. "O problema é muito grande, mas temos saídas", afirma Olavo Nogueira Filho, diretor da organização Todos pela Educação. "A primeira delas é reabrir o MEC e voltar a ter um ministério que coordene uma política nacional de educação." Segundo ele, parte dos problemas atuais está associada ao fato do governo federal ter virado as costas para estados e municípios durante a pandemia e depois dela. A volta ao normal depende agora da implementação imediata de medidas de emergência relacionadas à contenção da evasão escolar, que atingiu níveis alarmantes nos últimos dois anos, e ao aumento dos cuidados com a saúde emocional dos alunos. Além disso, é preciso levar adiante a agenda de mudanças estruturais, que inclui, por exemplo, a ampliação do número de escolas que atendem os alunos em tempo integral. "Hoje, a média de permanência dos alunos nas salas de aula é de cinco horas por dia. Queremos aumentar para 7 horas, que é a carga horária que os países desenvolvidos adotam há muito tempo", afirma Nogueira Filho.

A falta de gestão e o desperdício de recursos atualmente são tão grandes que a mera substituição do atual governo deve causar efeitos positivos em todo o sistema. Assolado por denúncias de corrupção, o MEC não dá respostas e soluções para os problemas estruturais e conjunturais. E a perda de qualidade resultante do abandono de políticas públicas se reflete de maneira capilarizada nas escolas de todo o País. Falta acolhimento e a desigualdade nas condições de ensino tendeu a se acentuar durante a pandemia. Além disso, experiências educacionais bem sucedidas espalhadas pelo Brasil estão sendo pouco replicadas porque o governo não se preocupa em reduzir os níveis de analfabetismo. O que acontecem, por exemplo, são iniciativas bem-sucedidas dos governos estaduais e municipais, que, numa situação normal, com um governo federal atuais, estariam sendo reproduzidas em outras cidades e regiões. Isso acontece, por exemplo, com a experiência de alfabetização no Ceará, onde, até dez anos atrás, 35% das crianças com 7 anos concluíam o segundo ano do ensino fundamental alfabetizadas e atualmente esse percentual é de 90%.

GOVERNO INOPERANTE

Com a permanência do atual governo, que pouco fez nos últimos quatros anos e que não tem planos para o MEC, qualquer expectativa de evolução é temerária. Educadores são unânimes em dizer que parte dos problemas está diretamente associada com uma gestão catastrófica feita pelo governo Bolsonaro, que só tem interesse nas escolas cívico-militares e no homeschooling e trata todo o resto de maneira secundária. Em vez de melhorar a educação, tenta empurrar bíblias para eleitores com objetivos eleitorais e agora lançou um aplicativo de alfabetização chamado GraphoGame que Bolsonaro tem promovido em sua campanha pela TV. O governo atual acredita em soluções mágicas e pouco se importa com o papel dos professores e com o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes brasileiros. Não se pode ignorar, porém, que mesmo com todos os esforços dispendidos, serão necessários muitos anos para se reequilibrar e aperfeiçoar o sistema educacional depois da terra devastada. ■

INTERRUPÇÃO DO APRENDIZADO

A situação dos estudantes do segundo ano do ensino fundamental

2019 | 2021

ALUNOS QUE NÃO APRENDERAM A LER

	2019	2021
Alunos que não aprenderam a ler	15,5%	33,8%
Alunos que não fazem operações matemáticas de soma e subtração	16%	22%

ALUNOS QUE NÃO FAZEM OPERAÇÕES MATEMÁTICAS DE SOMA E SUBTRAÇÃO

FOTO: ISTOCKPHOTO

OPORTUNISMO DOS INFLUENCERS

Celebridades da internet criam polêmicas ensaiadas, vestem roupas estapafúrdias, forjam intrigas e até simulam doenças para movimentar a própria audiência e atrair novos seguidores

Taísa Szabatura

Não importa a rede social, eles estão em todos os lugares e, provavelmente, tentando vender algum produto, mesmo que de forma velada. Os influenciadores - celebridades que movimentam a internet com dancinhas, corpos perfeitos, viagens incríveis ou humor meticulosamente ensaiado - nunca geraram tanta desconfiança por parte do público como agora. Isso porque quem os acompanha começou a perceber que há cada vez menos sinceridade no conteúdo produzido, sem falar das táticas de marketing de gerenciamento de imagem, como pausas programadas na carreira e discursos vazios pró-saúde mental que acabaram se tornando lugar comum entre os adeptos da profissão. Há ainda uma saturação no formato comercial do negócio, como a maciça divulgação de produtos de beleza e emagrecimento, procedimentos estéticos ou ainda sorteio de produtos eletrônicos, esquemas de pirâmides financeiras e compra de criptomoedas.

Entre os casos polêmicos mais recentes está o do influenciador digital Luva de Pedreiro. Recentemente, ele anunciou que vai parar de produzir seus vídeos futebolísticos e que pretende levar uma vida comum. Para isso, ele adotou uma técnica já conhecida para causar impacto: excluiu todas as publicações de seu perfil no Instagram. Iran Ferreira, nome real do influenciador, conquistou o Brasil no início deste ano com seus vídeos caseiros, onde aparecia fazendo belos gols em um campinho de barro. Com seu carisma, atraiu a atenção de milhares de seguidores no mundo todo. Contudo, a fama do dia para a noite trouxe problemas e também conflitos milionários com seu empresário. Ao falar que pretende "viver a vida normal, sossegado" atraiu a suspeita de seus seguidores. Golpe de marketing? Reposicionamento de marca? Dias depois, Luva de Pedreiro, dando sinais de prestígio, apareceu ao lado da presidente do Palmeiras, Leila Pereira.

Para Nicole Pappon, especialista em marketing de influência e fundadora da Grapa Digital, agência responsável por diversas carreiras de influenciadores, o que muitas pessoas não entendem é que ser influenciador é uma profissão como qualquer outra — com pressões, prazos e

MARKETING O influenciador Luva de Pedreiro anunciou que levaria uma vida normal, mas continua na ativa

ÓDIO
A youtuber Antonia Fontenelle demonstra preconceitos e tenta impor visão política extremista

"Finalmente chegou a minha bolsa de vidro. Cabe o quê dentro? Nada! Só a minha dignidade, minha paciência. Tenho medo até de tocar"
Gkay, humorista que gastou R$ 13 mil no objeto

cronogramas a serem cumpridos. "Ser um bom influenciador é como gerir um bom negócio, é preciso estratégia. Não é acordar e publicar qualquer coisa", explica. Ou seja, aquela frase motivacional que você viu pela manhã vindo da conta de um ex-participante de reality show foi programada para estar lá, com análise do público alvo e com expectativa de algum retorno. Nicole explica que está na moda o "marketing de sumir", método já adotado por grandes nomes, como Beyoncé e Rihanna, mas que está banalizado. "A celebridade coloca uma imagem toda em preto no perfil e deleta todas as fotos. Provavelmente ela irá lançar um produto ou novo visual", diz.

Há ainda práticas usadas por diversas contas para permanecer entre os assuntos mais comentados da rede, caso da humorista Gkay, ou Géssica Kayane. Ela é sempre notícia em sites de fofoca por usar roupas caras, mas que parecem poucas práticas e lembram até fantasias. Sua última polêmica? Comprou uma bolsa de vidro de R$ 13 mil reais. "Finalmente chegou a minha bolsa de vidro. Cabe o quê dentro? Nada! Só a minha dignidade, minha paciência. Tenho medo até de tocar", revelou em seus stories no Instagram. O objetivo é chocar, levar os seguidores a reagirem, nem que seja negativamente, à publicação. Na internet, cada vez mais comandada por algoritmos, vale a máxima "falem mal, mas falem de mim".

A competição entre criadores de conteúdo que se assemelham entre si também é acirrada, o que leva a muita intriga e discussão. Porém, nem sempre as brigas são verdadeiras, mas apenas uma maneira de fazer com que as "torcidas" – como os fãs às vezes são chamados, briguem entre si e aumentem o engajamento das contas. Há também celebridades que usam o ódio e a polêmica vazia, muitas vezes sem medir as consequências de seus atos, para ganhar fama. Caso da youtuber Antonia Fontenelle, que já agrediu minorias, usou termos racistas e foi uma das responsáveis pelos ataques sofridos pela atriz Klara Castanho, que teve sua privacidade violada e exposta, de maneira cifrada. Contudo, vale lembrar que nem tudo é maldade e vontade de aparecer. Há personagens nesse universo que souberam se reinventar e realmente são honestos com seus problemas de saúde. Quem possui uma base de apoio e uma carreira consolidada, raramente precisa se utilizar de maneiras suspeitas para fazer seu ganha pão. Se todos erram, claro, fica cada vez mais evidente que uns erram muito mais que os outros e são, acima de tudo, uma péssima influência. ■

FOTOS: RICARDO BORGES/AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

REINO UNIDO
Diamante Cullinan 2, na base da coroa britânica: usada na abertura das sessões do Parlamento

DIAMANTES DE SANGUE

Cobiçadas por reis e marajás, as joias mais valiosas do mundo ainda exercem um enorme fascínio sobre a humanidade – a maior prova disso é que continuam a ser exibidas nas coroas e cetros da realeza britânica e nos pescoços das maiores celebridades do planeta

Denise Mirás

Um pedaço de rocha qualquer não inspiraria histórias mirabolantes ao longo de 750 anos. Nem reuniria mistérios sobre sua origem, provocaria guerras sangrentas por sua posse ou incentivaria viagens por terras exóticas, em meio a elefantes e ogivas nucleares. Essa pedra existe e se tornou o diamante mais conhecido do mundo: o Koh-i-Noor. Em sua grandeza, porém, ele é acompanhado por outros de valor ainda maior, quanto aos quilates, como é o caso do Cullinan, cortado em nove pedras e lapidado com perfeição. O Koh-i-Noor está alojado na coroa da rainha-mãe Elizabeth, morta aos 103 anos. Já o Cullinan foi dividido em dois: o "Cullinan 1", com 530 quilates, está no cetro; o pedaço "2", com 317 quilates, na Coroa de Estado Imperial do Reino Unido, que apareceu assentada sobre o caixão de Elizabeth II ao final do cortejo em Londres. Rei proclamado, a segunda parte do Cullinan reaparecerá na cerimônia de coroação de Charles III, em 2023.

Desde 1600, esses tesouros estão guardados a sete chaves na fantasmagórica Torre de Londres, no rio Tâmisa. A masmorra concentra as Joias da Coroa, coleção com mais de 100 objetos e 23 mil gemas extraídas de colônias ao redor do mundo, época em que o Império Britânico dominava territórios e se autoproclamava "o lugar onde o sol nunca se põe". Grande parte dos objetos classificados hoje como "presentes" aos colonizadores e monarcas ao longo dos séculos, na verdade eram riquezas saqueadas, contrabandeadas e roubadas. Em contraponto à ganância pelos símbolos de poder, há movimentos pela volta desses objetos às origens – desejo renovado agora, com a morte de Elizabeth II. No entanto, historiadores consideram essa devolução impossível, tanto pelo tempo decorrido quanto pela falta de localização real da origem, à parte algumas exceções pontuais.

PERFEIÇÃO Elizabeth II, na coroação como rainha: Cullinan 2 é a pedra principal de sua coroa

O Cullinan é um dos poucos diamantes cujos registros são conhecidos. Foi descoberto em 1905, na África do Sul, e tem 3.106 quilates (621 gramas). No mesmo ano chegou a Londres, onde foi comprado pelo governo do Transvaal para presentear o rei Edward VII. A la-

KOH-I-NOOR
Exposição Universal de Londres, em 1851: público classificou a pedra como "um pedaço de vidro"

pidação, feita em Amsterdã, na Holanda, dividiu a gema em nove pedras. Rafael Lupo Medina, gemólogo há 30 anos na Cartier, em Paris, fala sobre o ritual inglês: "A Coroa de Estado, a mesma da coroação, é usada pelo monarca em seu trono no Parlamento, para o discurso de abertura. No Palácio, usa-se uma diferente. Do Palácio ao Parlamento, o monarca troca de coroa e de roupa: na última sessão, como Elizabeth II não pôde ir e foi representada por Charles e Camilla, a Coroa de Estado ficou assentada em uma almofada, ali do lado."

Medina sabe tudo sobre a Coroa britânica desde criança e confessa que vê as jóias como fossem seus "familiares". Conta mais: que inicialmente os Cullinan 1 e 2 foram usados em broches, e só foram parar no cetro e na coroa com George VI, em 1936. Hoje, o Cullinan 3 e 4, de "apenas" 90 e 60 quilates, respectivamente, são chamados de "caquinhos da vovó". As outras gemas estão espalhadas por broches, um colar e um anel pequeno.

Mas e o Koh-i-Noor? A saga de "um pedaço de estrela caído do céu", onde hoje seria a Índia, começa há pelo menos 750 anos e passa por reinos dos vastos territórios da Ásia, até chegar a Londres, para a rainha Victoria, em 1849. Passou nas mãos de marajás, ladrões, assassinos - e até de outras rainhas. Tanto que hoje é reclamado por Índia, Paquistão, Irã, Afeganistão e até pelo Talibã. Mas esse diamante, de iniciais 793 quilates e lapidado a 106 (do tamanho de um ovo), para fulgurar como a "joia das gemas" pelos britânicos, carrega uma maldição: seu portador é capaz de governar o mundo, mas carregará infortúnios da mesma grandeza – a não ser que seja Deus ou uma mulher. Pelo sim, pelo não, na família real o diamante foi usado por Victoria, Alexandra, Mary e Elizabeth I. Foi no féretro dela, a rainha-mãe, que a coroa com a pedra amaldiçoada apareceu pela última vez, em 2002, antes de voltar a seu cárcere, na Torre de Londres. ■

SÍMBOLOS DE PODER

Até 1725, quando minas de diamantes foram descobertas no Brasil, a única fonte era a Índia. Nas Cortes indianas, as joias — e não as roupas — eram os principais ornamentos, até porque eram vistas como regras para identificação de hierarquias. Milênios se passaram e o deslumbramento pelas gemas como símbolos do poder segue intacto. Nobre, político, milionário ou estrela de cinema, todos amam desfilar com essas pedras preciosas. A cantora Beyoncé foi a quarta mulher no mundo a usar o "Tiffany Diamond", gema sul-africana descoberta em 1877. Tem 128 quilates, lapidado em 82 facetas — 24 a mais que o brilhante tradicional. A joia "mora" na Tifanny da Quinta Avenida, em Nova York, e fica exposta ao público desde a inauguração da loja, em 1940.

NO CINEMA
Audrey Hepburn eternizou o "Tiffany Diamond" no filme *Bonequinha de Luxo*, de 1961. Foi usado então pela socialite Mary Whitehouse em um baile beneficente, em 1957. Lady Gaga surgiu com ele na cerimônia do Oscar, em 2019

FOTOS: CORBIS/GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

REVOLUÇÃO Marcia Morinari é a oitava pessoa no Brasil a colocar o micro marca-passo: "rejuvenesci dez anos"

O menor salva-vidas do mundo

POTÊNCIA Similar a uma cápsula de vitamina, o Micra apresenta avanços tecnológicos: a engenharia a serviço da saúde

Com peso inferior a dois gramas e cabendo na palma da mão de uma criança, o micro marca-passo pode ser instalado no interior do coração. Os modelos convencionais ficam fora do orgão, o que pode implicar menor durabilidade

Fernando Lavieri

Quando as doenças do coração ganharam um tratamento revolucionário com o surgimento do marca-passo na década de 1950, esse salva-vidas media vinte e cinco milímetros e pesava vinte gramas — é como juntar em uma balança vinte clipes de papel. O inimaginável aconteceu. Hoje já se tem o menor marca-passo do mundo. Seu nome é Micra e foi desenvolvido pela Medtronic, empresa especializada no ramo de tecnologia em saúde. O dispositivo agora mede vinte milímetros e pesa menos de dois gramas — é similar a uma cápsula de vitamina comum e cabe na palma da mão de uma criança. Pode-se pensar que não há diferenças relevantes entre o equipamento novo e o tradicional. É raciocínio equivocado, pois a evolução tecnológica mostra-se grande.

Um dos pontos importantes é sua instalação no organismo que é menos invasiva. Além disso, o Micra tem eletrodos internos enquanto o aparelho antigo tem os mesmos eletrodos, mas postos externamente. Há neles cabos de transmissão entre o orgão e o marca-passo, o que pode causar evetuais problemas de funcionamento. "Os cabos danificam-se com facilidade", afirma Carlos Eduardo Duarte, cardiologista do hospital Beneficência Portuguesa de São Paulo. Mais: antes, os marca-passos eram implantados no coração do lado de fora, agora ele é colocado no músculo internamente. "Isso melhorou a resposta do equipamento e o tempo de recuperação do paciente", diz o médico. Como é possível perceber, os componentes do Micra - bateria, processadores e sensores - são muito menores. "Esse fato demonstra o esforço de engenharia introduzido no produto", pontua o cardiologista. Em outros termos, mesmo tendo uma aparência insignificante, o menor marca-passo do mundo mantém a frequência correta do coração.

No Brasil já foram feitos catorze implantes e há outros cem mil realizados em todo o planeta. A bancária aposentada Marcia Arruda Pestana Morinari tem 68 anos de idade e foi à oitava brasileira a colocar o Micra. Marcia conta que viveu momentos difíceis: "Sentia-me cansada, não tinha ânimo nem mesmo para fazer as tarefas domésticas". A apatia passou: "Após a cirurgia, tudo mudou. É como se eu tivesse rejuvenescido dez anos". A técnica cirúrgica de colocação do marca-passo em Marcia também é revolucionária. Chama-se Implante de Válvula Aórtica Transcateter (TAVI). ■

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; LUIS GUSTAVO BENEDITO/GRUPOPHOTO

ESTRATÉGIA DOS CAMPEÕES

Marketing de recompensas ajuda empresas a movimentarem seus negócios e levantarem a torcida durante o maior evento de futebol do mundo.

Um dos mais esperados espetáculos esportivos está chegando e promete movimentar a economia mundial. O evento reúne 64 jogos, entre 32 seleções nacionais, que atraem os olhos de mais de 3 bilhões de pessoas, quase metade da população mundial. Para quem tem uma empresa, seja qual for o segmento, é preciso estar preparado para aproveitar a oportunidade, vestir a camisa e ser o artilheiro nas vendas.

Segundo a pesquisa da Plataforma Gente, do Grupo Globo, 9 de 10 pessoas querem acompanhar os jogos e 80% delas disseram já ter acompanhado as edições anteriores. Isso significa que muitos têm intimidade com o assunto, ou seja, fazer uma campavnha com esse tema é uma ótima opção para chamar atenção de clientes.

O desafio é se destacar no meio da concorrência e ganhar a disputa pelo engajamento do consumidor. Uma estratégia que vem conquistando o mercado é o marketing de recompensas. A empresa cria uma campanha, o cliente realiza a ação que a empresa quer (a compra de um produto ou a assinatura de um serviço, por exemplo) e ganha uma recompensa que pode ser resgatada na mesma hora.

Conhecer o perfil do cliente ajuda muito na hora de criar uma estratégia desse tipo, porque permite que a empresa escolha a melhor opção para encantar e engajar o seu público. As recompensas podem variar entre créditos em aplicativos de alimentação ou transporte, desconto em lojas, bônus celular, assinaturas de streamings, ingressos de cinema ou parques de diversão, atendendo clientes de diversas idades e estilos. Para as empresas que ainda não sabem exatamente o comportamento e preferências dos consumidores, já existe no mercado plataformas que enviam mais de uma recompensa para o cliente escolher a que preferir.

O melhor momento para iniciar uma campanha para a Copa é: o quanto antes melhor! Então, primeiro, defina o seu objetivo. Vender mais? Fidelizar consumidores? Incentivar colaboradores? Depois, avalie quais recompensas fazem mais sentido para o momento e para o seu público. Estabeleça o que o seu cliente precisa fazer para ganhar a recompensa. Agora, invista na divulgação em sites, redes sociais e e-mail.

Drible a concorrência, mude o placar e marque muitos gols nas suas campanhas.

ESCAVAÇÃO
Equipe trabalha em sítio arqueológico: compreensão da história amazônica

Arqueologia da

Pelo menos dez mil anos antes da chegada dos primeiros europeus, no Século XVI, os povos indígenas vinham ocupando a Amazônia de forma exuberante e sofisticada *Gabriela Rölke*

Milenares estruturas geométricas como quadrados e círculos perfeitos escavadas na terra, que podem ser avistadas do céu; grandes aterros artificiais construídos em leitos de rios; evidências de cidades extintas que foram densamente povoadas há milhares de anos. O senso comum pode levar o leitor a imaginar que o cenário para toda essa riqueza arqueológica são terras longínquas habitadas por sofisticadas civilizações que já não existem mais. Pesquisas do arqueólogo Eduardo Góes Neves, no entanto, revelam que, diferentemente do senso comum, os povos indígenas da floresta vinham ocupando a Amazônia de forma exuberante e sofisticada já há pelo menos dez mil anos antes da chegada dos primeiros europeus, no Século XVI.

"Nas regiões do Acre e de Rondônia, nós temos centenas de estruturas geométricas de terra escavadas que são conhecidas como geoglifos, que são super interessantes e que foram construídas por povos indígenas em áreas de floresta", conta Neves. "São maravilhosas, círculos muito bem feitos, quadrados, centenas deles". O diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP) elenca ainda outros sinais de sofisticação que são objeto de estudo de sua equipe de pesquisa na região. "Na ilha do Marajó temos grandes aterros artificiais com uma cerâmica maravilhosa, produzida pelos povos que viveram ali. Em Santarém, no Pará, a gente tem o que pode ser a cidade mais antiga do Brasil, ocupada de maneira densa já antes da chegada dos europeus. No Alto Xingu, temos uma rede muito interessante de estradas que foram construídas pelos indígenas antes da chegada dos europeus", diz. "Em vários lugares da Amazônia, a gente encontra evidências maravilhosas e muito diferentes entre si da capacidade tecnológica das formas de conhecimento dos povos indígenas no passado".

O resultado dos anos de pesquisas arqueológicas de Eduardo Neves está reunido no recém-lançado livro "Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história da Amazônia Central", da Editora Ubu. "A Amazônia é imensa, ainda há muita coisa sur-

FOTOS: DIVULGAÇÃO; DIEGO GURGEL/SECOM

GEOGLIFOS
Na região há centenas de estruturas geométricas escavadas na terra

UTENSÍLIOS
Vários povos da floresta detinham tecnologia para produção de cerâmica

DEDICAÇÃO
Há mais de 20 anos, Eduardo Neves pesquisa a cultura indígena ancestral

preendente e ainda desconhecida para ser entendida, mas de algum modo as pesquisas realizadas até aqui contribuem para que a gente possa entender melhor os detalhes, a história dos povos que viveram na região central da Amazônia ao longo de 8 mil anos", explica. "Existe essa ideia no Brasil de que os povos indígenas não têm história, de que 'índio é uma coisa só', e na verdade o que a gente percebe é que essa história antiga da Amazônia é muito rica e muito dinâmica".

Ao longo dos séculos, os povos indígenas modificaram os biomas amazônicos de várias formas, entre as quais merece destaque a domesticação de dezenas de espécies vegetais. Na composição da floresta, a árvore mais comum hoje na Amazônia é o açaí, que é uma espécie que é consumida e manejada há muito tempo pelos povos indígenas. "Não só o açaí, mas outras árvores, como castanheiras, também mostram que a Amazônia foi modificada pelos povos indígenas no passado", explica. O tipo de solo chamado "terra preta", formado ao longo dos séculos, também é herança dos povos indígenas. "São solos muito escuros, super produtivos", ressalta o pesquisador. "Nos trópicos os solos perdem a fertilidade muito rapidamente, por causa das chuvas intensas. Mas os solos de terra preta mantém a fertilidade durante centenas de anos, e por causa disso, hoje em dia eles são procurados para cultivo".

Eduardo Goes aponta ainda que é possível aprender, e muito, com o passado. "Se a gente olhar a história do manejo da Amazônia pelos povos da floresta, a gente percebe que essas práticas contribuíram para aumentar o que a gente chama de agrobiodiversidade. A Amazônia é um grande berçário de plantas que são economicamente importantes e que foram domesticadas ao longo dos milênios", destaca. Por outro lado, ele ressalta que nos últimos 30 anos perdeu-se 20% da Amazônia — "para capim, para soja, para finalidades que levam à destruição dessa grande diversidade da floresta, e que em muitos casos não geram riqueza", diz. "Desses 20% que a gente perdeu da Amazônia, só 15% têm algum uso econômico importante, o resto são terras abandonadas ou degradadas. Então, o contraste entre a relação com a floresta no passado e a relação com a floresta no presente é muito grande". É proposital a adoção, pelo pesquisador, da expressão história antiga para designar o período objeto dos estudos. "Utilizar o termo pré-história pode trazer a falsa ideia de que não havia história aqui antes da chegada dos europeus e que os povos originários eram povos sem passado", explica. "Falar em história antiga é muito mais interessante, porque o termo traz a ideia de que os povos indígenas têm sim uma história, que é milenar e muito rica". Ainda de acordo com ele, conhecer essa história é fundamental para que se conheça direito a história do Brasil — que não começa em 22 de abril de 1500, mas milhares de anos antes. ■

SUSTENTÁVEL H2 Clipper: capacidade para transportar até 150 toneladas de carga a um custo quatro vezes menor

Gigantes nas nuvens

Versões modernas dos zepelins, os dirigíveis movidos à energia limpa poderão transportar até 150 toneladas de carga e devem revolucionar o sistema de transporte aéreo

Taisa Szabatura

"Esse não é o dirigível do seu avô." É assim que a startup norte-americana H2 Clipper se apresenta ao mercado. A superioridade comparativa faz referência aos zepelins do passado, máquinas altamente inflamáveis e poluentes, movidas a gás propano. A empresa com sede na Califórnia tem grandes ambições em relação ao mercado de transporte aéreo de cargas: promete revolucionar o setor com um dirigível atualmente em fase de testes que ganhou o apelido de "Pipeline in the Sky" (algo como "Oleoduto Aéreo"). O projeto usa células de hidrogênio como combustível e permitirá aos poderosos motores elétricos percorrer distâncias de mais de 9.500 km a velocidades de até 280 km/h.

O veículo, porém, não será movido apenas com o uso de gases. Afinal, o hidrogênio ainda é um elemento inflamável. O produto será usado para gerar energia e, com isso, mover os motores elétricos. "O hidrogênio é muito mais leve do que o ar o que facilita que o dirigível se mantenha em elevação", explica Filippo Fogaccia, professor de Química do Colégio Mackenzie. Essa tecnologia possibilitará o transporte de até 150 toneladas de carga útil ou 7.500 metros cúbicos - 8 a 10 vezes mais espaço de carga do que qualquer outro cargueiro aéreo, e mais rápido do que os cargueiros marítimos.

Apesar de os números divulgados pela empresa serem impressionantes, Fogaccia explica que a técnica de usar o hidrogênio como aliado não é revolucionária, já que há iniciativas até no setor automotivo para implementar seu uso. "Ao contrário dos combustíveis fósseis, o resíduo que o hidrogênio produz é vapor de água", diz. Além das mudanças para o meio ambiente, a H2 Clipper diz que os custo do transporte de carga deverá ser quatro vezes menor do que o atual, o que poderá até reduzir os preços de determinadas mercadorias ao consumidor final. A H2, no entanto, terá concorrência: a britânica Hybrid Air Vehicles desenvolve o projeto Airlander, dirigível semelhante ao Clipper, que atuará no setor de transporte de cargas e também no de passageiros. Em breve, veremos novos gigantes nas nuvens. ■

PASSADO PERIGOSO

Não é possível falar sobre dirigíveis sem lembrar da tragédia de Hindenburg, em maio de 1937, que matou 37 pessoas. Após realizar mais de 62 voos bem sucedidos, o luxuoso modelo LZ-129 pegou fogo pouco antes do pouso. Por causa de um vazamento de gás, foi completamente destruído pelas chamas em menos de um minuto. Registrado em vídeo, o desastre chocou o mundo e acabou com a indústria de dirigíveis.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; AUSTRIAN ARCHIVES (S)/IMAGNO/APA-PICTUREDESK/AFP

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL

Programa: TudoAzul

Mídia Partner: uol

Apoio: ESTANPLAZA · shift · CONSIGAZ · CRISTÁLIA

Realização: grupo Tom Brasil

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI N° 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Processo SEI: 1020.2022/0000255-5. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

Os mistérios de Waterloo

ESTRATEGISTA Depois de conquistar a Europa, Napoleão foi derrotado de maneira acachapante

ESCAVAÇÃO São poucos os registros arqueológicos encontrados na região onde morreram 20 mil homens

Arqueólogos descobrem raro esqueleto de soldado morto na batalha que derrotou Napoleão e reforçam tese de que cadáveres foram usados como adubo

Taisa Szabatura

Em junho de 1815, quando o imperador francês Napoleão Bonaparte foi finalmente derrotado na pequena cidade de Waterloo, na Bélgica, antes de bater em retirada deixou para trás um campo de batalha repleto de milhares de cadáveres — e também os inevitáveis detritos da guerra: restos de artilharia, sangue, roupas, dentes e as muitas carcaças de cavalos. Mas afinal o que aconteceu com todo esse cenário digno de um filme de terror? Apenas em julho deste ano, arqueólogos da organização sem fins lucrativos Waterloo Uncovered acharam um esqueleto humano completo. Se no passado os pesquisadores descobriram muitos ossos de cavalos e restos de membros amputados, raríssimas ossadas foram achadas intactas nos últimos dois séculos, o que torna o achado bastante significativo. Os ossos recém-descobertos estavam em uma vala perto do principal hospital de campanha aliado, cercados por caixas de munição e lixo médico. "Não sabemos se essa pessoa foi morta em uma batalha e o corpo foi trazido para cá, ou se era um

FOTOS: LEEMAGE/AFP; ISTOCKPHOTO; DIVULGAÇÃO

GUERREIRO Em julho foi achado o primeiro esqueleto completo de um soldado que lutou e morreu em Waterloo

paciente que morreu no hospital", disse Tony Pollard, arqueólogo da Universidade de Glasgow e um dos diretores do projeto, à Agence France-Presse.

Encontrar o esqueleto perto de membros amputados e outros detritos "mostra o estado de emergência" do hospital de campanha durante o conflito, diz Véronique Moulaert, arqueóloga da Wallonia Heritage Agency. Os historiadores estimam que mais de 20 mil soldados tenham morrido durante a batalha, que 30 mil tenham sido feridos ou amputados e isso sem contar sete mil cavalos que pereceram no local. Relatos da época falam de corpos franceses sendo queimados por camponeses locais em piras funerárias, com outros corpos sendo jogados em valas comuns, porém, algumas cartas também mostram outro destino dado aos falecidos: ossos colhidos na região foram moídos para serem usados como fertilizante e adubo.

Em um artigo recém-publicado no Journal of Conflict Archaeology, Pollard examinou diversos materiais de origem histórica, como diários dos primeiros visitantes do local e obras de arte que registraram a batalha - ainda não existia fotografia - para tentar mapear os túmulos de Waterloo e assim encontrar uma resposta definitiva ao mistério arqueológico do conflito. Um relato do Major W.E. Frye descreve o campo de guerra em 22 de junho, quatro dias após o fim da disputa, como "uma visão horrível demais para se ter". Frye contou "a multidão de carcaças, os montes de homens feridos, com membros mutilados e incapazes de se mover, perecendo por não terem suas feridas curadas, ou de fome". Soldados sobreviventes despojaram ainda os corpos de suas armas, roupas e outros objetos de valor, seguidos por moradores da região e turistas ansiosos para salvar todas as lembranças que pudessem: pedaços de couro, balas, chapéus, cartas, páginas de livros e, em casos extremos, dentes que eram posteriormente vendidos para a fabricação de dentaduras.

A batalha mortal, que ocorreu em domingo chuvoso e em campo lamacento demais para Napoleão, pôs fim às Guerras Napoleônicas entre a França e várias nações europeias, encabeçadas pela Inglaterra e Prússia, principalmente na figura do britânico Duque de Wellington. Com 72 mil homens, Napoleão decidiu esperar a chuva passar para atacar o exército comandado por Wellington, porque havia acabado de derrotar um exército prussiano e estava confiante. Porém, por sua demora, uma parte desse mesmo exército prussiano derrotado conseguiu se juntar às tropas britânicas fazendo com que as tropas aliadas contassem, ao todo, com 118 mil homens. "O mundo nunca mais foi o mesmo depois de Napoleão. Ele levou toda a modernidade conquistada na Revolução Francesa para toda a Europa", diz Victor Missiato, doutor em História e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ele explica que após a derrota de Napoleão, houve uma reconfiguração das monarquias do velho continente, mas que seu impacto foi decisivo e duradouro. "Nada foi o mesmo, independente dessa derrota." ■

A BATALHA QUE DERROTOU NAPOLEÃO

Quando
18 de julho de 1815

Mortes
20 MIL soldados
7 MIL cavalos

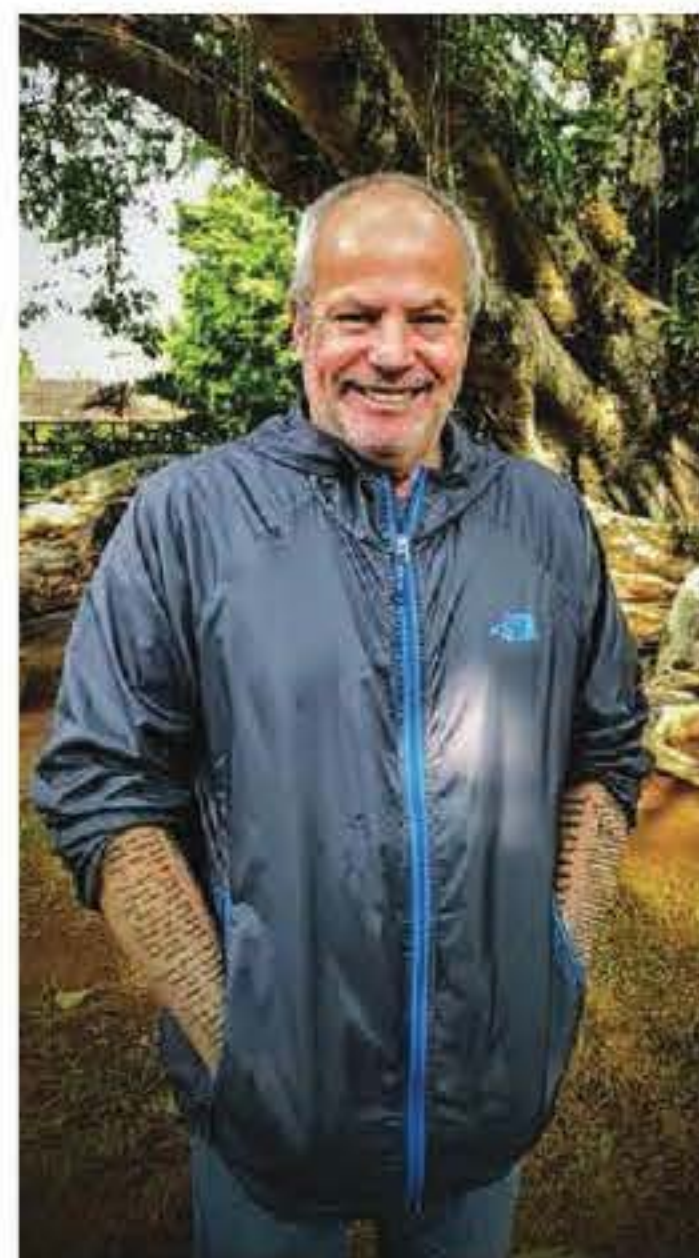
Waterloo
BÉLGICA

Relatos da época falam de corpos sendo queimados por camponeses em piras funerárias ou jogados em valas comuns

por Elba Kriss

Gente

Uma sereia inspiradora

Halle Bailey já é um fenômeno. A atriz que protagonizará o longa *A Pequena Sereia* é a nova sensação de Hollywood. Desde que a Disney lançou o primeiro teaser do filme, a artista tem visto seu nome liderar as buscas do Google. Na semana passada, a emoção de crianças negras ao ver que a nova versão de Ariel é como elas viralizou. "Estou profundamente admirada. Ver as reações dessas crianças me deixa emocionada. Isso significa o mundo para mim. Obrigado a todos pelo apoio inabalável", agradeceu. Apesar da significativa representatividade, ela enfrentou críticas e mensagens de racismo nas redes sociais após ser anunciada para o papel. Na produção original, o desenho animado de 1989, a personagem é branca e ruiva. Aos 22 anos, Halle comentou a polêmica com maturidade. "Sinto como se estivesse sonhando e estou apenas grata. Não presto atenção à negatividade. Vai ser lindo e estou empolgada por fazer parte disso", disse. *A Pequena Sereia* tem estreia prevista para maio de 2023.

Homenagem da comunidade

O filme *Olga* (2004), e a minissérie *Passaporte para a Liberdade* (2021), da Globo, renderam a **Jayme Monjardim** uma homenagem no Memorial do Holocausto, em São Paulo. O diretor foi condecorado pela sensibilidade e dedicação ao retratar a história e honrar milhões de judeus. O longa sobre Olga Benário (1908-1942) narra a trajetória da jovem judia e militante deportada pelo governo Vargas para a Alemanha nazista. Já a minissérie levou para a TV a vida de Aracy de Carvalho (1908-2011), brasileira que ajudou a emitir vistos emergenciais para judeus durante a Segunda Guerra Mundial. A solenidade contou com líderes da comunidade judaica e a família de Aracy, além de parentes dos sobreviventes. "Eu queria muito agradecer a Olga, a Aracy e a todas as mulheres, do fundo do meu coração", disse o diretor.

Rebelde na TV e nos palcos

Conhecida pelo papel de Roberta em *Rebelde*, na Record, **Lua Blanco** segue investindo na carreira musical. A cantora está à frente de Lua Blanco e a Órbita – trio com participação dos músicos André Sigaud e Rique Meirelles. O som, no estilo pop rock, traz letras com temas importantes, como saúde mental e amor próprio. *Lunática* é o primeiro single do grupo. Apesar de se distanciar da imagem da novela, Lua conta que ainda é chamada de "Roberta" nas redes sociais. "Felizmente, a maioria aprendeu a me separar da personagem", diz. Apesar do novo projeto, ela garante que não abandonou a atuação. "Adoraria fazer séries, é o gênero que mais consumo. O número de produções brasileiras de alta qualidade está cada vez maior".

Um papel visceral

Uma atuação de tirar o fôlego: essa é a melhor definição para a elogiada participação de ***Bruno Gagliasso*** *em* Santo, *nova série da Netflix. Coprodução Brasil-Espanha, o thriller traz o ator como Ernesto Cardona, policial que se infiltra no cartel de Santo, um criminoso que ninguém jamais viu o rosto. A trama obrigou o brasileiro a se arriscar em sequências "viscerais". "Foi a preparação mais intensa da minha carreira até hoje", revelou Bruno. "Tive que acessar meu inferno e encontrar meus demônios para poder interpretar o Cardona". O resultado compensou: a produção já está entre as mais vistas da plataforma.*

Referência poderosa

Depois de atuar em *Um Lugar ao Sol*, na Globo, **Samanta Quadrado** poderá ser vista nas telonas. Ela está em *Apaixonada*, filme com Giovanna Antonelli no papel principal. A parceria entre as atrizes deu certo: "ela me deu muitas dicas sobre atuação para o cinema, técnicas que fizeram me sentir à vontade". Em sua trajetória artística, a atriz e influenciadora digital tem um propósito: mostrar que uma pessoa com Síndrome de Down pode ter uma vida ativa e independente. "Meu desejo é que todas as pessoas com deficiência tenham oportunidades, assim como eu, que consegui realizar meu sonho de ser atriz. Quando me vejo na tela, mostro que isso pode acontecer", diz. "Meu caminho é o da luta pela inclusão em todos os segmentos da sociedade. Espero servir de inspiração para outros como eu".

Mãe experiente

"A notícia do ano": foi assim que **Claudia Raia** anunciou a gravidez do terceiro filho. Aos 55 anos, a atriz está à espera do primeiro herdeiro com Jarbas Homem de Mello, 53. Em suas redes sociais, a artista revelou o susto após ver o resultado positivo em um teste de farmácia: "Olhei para cima e falei com Deus: tenho 55 anos. Você quer me enlouquecer?" Passado o espanto, o casal agora é só alegria. "Nosso sonho de sermos pais não era novidade. E não é que ele se realizou?", publicaram. Claudia já é mãe de Enzo Celulari, de 25 anos, e Sophia Raia, de 19, do casamento com o ator Edson Celulari. Felicidades à família!

FOTOS: JAMIE MCCARTHY/GETTY IMAGES VIA AFP; JOÃO MIGUEL JÚNIOR/GLOBO; BRUNO BASTOS/DIVULGAÇÃO; DIVULGAÇÃO; FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A EXPLOSÃO DOS CONSÓRCIOS

Produto tipicamente brasileiro está completando 60 anos e vive um boom com oferta de prêmios, alongamento de prazos e entrada em novos segmentos. Há oferta desde imóveis e veículos de luxo, até tratores, drones, serviços, cirurgia plástica e ouro

Mirela Luiz

Com a recente deflação, queda da taxa de juros, movimentos diários do dólar e perspectivas político-eleitorais, o sistema de consórcios tem crescido vertiginosamente, encerrarando o primeiro semestre deste ano com o melhor desempenho dos últimos dez anos. De acordo com a Associação Brasileira das Administradoras de Consórcios (Abac), entre janeiro e agosto foram comercializadas 2,57 milhões de novas cotas, com crescimento de 13,2% ante o mesmo período de 2021. "As pessoas estão mais adeptas a adquirir o produto, principalmente por conta das taxas de juros. As vendas entre 2020 e 2021 aumentaram em torno de 7%", declara a vendedora de consórcios, Vanessa Lati. Essa onda é patrocinada pelos grandes bancos fazendo campanhas publicitárias na TV aberta e nas redes sociais, para compensar perdas de receitas provocadas pelo avanço dos bancos digitais e do Pix.

Mesmo com as turbulências vividas nesses últimos dois anos, que transformaram o dia a dia das pessoas e famílias, os sonhos da casa própria, do novo carro, bem como de objetivos empresariais para aquisição de bens ou serviços, mantiveram-se em evidência. E isso explica o sucesso do consórcio.

O presidente da Abac, Paulo Roberto Rossi, afirma que a compra de cotas vem crescendo exponencialmente nesses últimos dez anos. "No ano em que o consórcio completa 60 anos, os consecutivos recordes mensais no total de participantes ativos reafirmam o forte interesse do consumidor brasileiro pela modalidade", pontua.

O economista Ted Dal Coleto, por exemplo, procurou pela primeira vez um consórcio de bens para adquirir ouro, por achar um ótimo investimento e, para tanto, adquiriu uma cota de R$ 23.000. "Procurei o consórcio de ouro por ser um ativo de investimento de longo prazo que não perde valor com o tempo. Vale super a pena. Desde a contemplação, já tive um ganho de 89% em valorização do ouro", declara.

As vendas de novas cotas acumularam 2,57 milhões nos oito meses do ano, superando em 11,3% as 2,31 milhões registradas no mesmo período de 2021. Foi a maior dos últimos dez anos, além de ter crescido 54,8%, de 2013 a 2022

CAMPEÕES DE VENDAS

Participantes ativos agosto 2021 x 2022. Crescimento de 9,5%

2021 2022

Motos
1,19 MILHÕES
1,33 MILHÕES

FOTOS: GABRIEL REIS; DIVULGAÇÃO ABAC

INVESTIMENTO A empresária Luciane Pickart recorreu ao consórcio de serviços para investir em melhorias na sua empresa

Rodrigo Martis, sócio e CEO da Âncora Consórcios, explica que investir em ouro hoje é algo muito procurado pela segurança, que o metal traz como investimento. "Aplicar em ouro faz o dinheiro render de forma segura e com liquidez imediata", explica.

O serviço de consórcios está em constante crescimento, principalmente diante de todas as vantagens e praticidades que oferece. Aliado a isso, depois que o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica de juros (Selic) para 13,75% ano, de acordo com dados do Banco Central, o mercado de consórcios é uma opção ainda mais atraente para os consumidores, que precisam lidar com altos custos do juros para adquirir bens e serviços. A empresária Luciane Pickart viu no consórcio a oportunidade de trocar o mobiliário de suas lojas e conseguir fazer pagamentos de prestação de serviços. "Estava precisando de recursos para compra de equipamentos e para realizar pequenas reformas na minha empresa. Após ver a flexibilidade do consórcio, não tive dúvidas. Até porque, usar o recurso do consórcio chega a ser três vezes mais barato do que um financiamento", conta.

O que diferencia essa modalidade de um empréstimo tradicional, essencialmente, é o imediatismo em receber o bem e o valor pago como montante final. Mas há outros detalhes a se levar em consideração. "No financiamento você retira o bem na hora, só que você tem o pagamento de juros. No consórcio, há um autofinanciamento. Tem custo? Tem custo. Só que os prazos de pagamento são longos e os custos são mais baixos", explica Paulo.

Bruno Pinheiro, CEO da Turn2C, aponta a importância de se compreender o real objetivo do consórcio, que é um autofinanciamento e não uma categoria de investimento, como por vezes é classificado equivocadamente no mercado. "Ao compreender que não se compra um consórcio e sim o utiliza como forma de alcançar determinado objetivo, todo o ecossistema da modalidade passa a operar de forma mais eficiente e satisfatória para todos os envolvidos", diz.

A perspectiva para o final do ano, segundo o presidente da Abac, é de mais crescimento. "Como perspectiva para o final do ano, estimamos que o sistema de consórcios deva seguir prosperando, mês após mês, ampliando de forma gradativa e consolidada", projeta Rossi. ■

ASCENSÃO Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da ABAC acredita que o crescimento em 2022, validou a participação dos consórcios na economia

2,33 MILHÕES

2,50 MILHÕES

3,89 MILHÕES

4,14 MILHÕES

Putin ameaça, o mundo reage

Acuado, presidente russo diz que pode usar armas nucleares na Ucrânia e anuncia a convocação de 300 mil soldados. Sua escalada gera repulsa internacional e diminui o apoio interno **Denise Mirás**

ANTIGUERRA Por toda a Rússia, houve prisões em massa de manifestantes que não querem "morrer por Putin"

"Não é um blefe", garantiu Vladimir Putin sobre o uso de armas nucleares, no caso de a Ucrânia seguir atrapalhando seus planos de anexar à Rússia ao menos quatro províncias já parcialmente ocupadas no leste e sul do país vizinho. Ele quer incorporar essas províncias por meio de referendos-relâmpago neste fim de semana - uma farsa, denuncia a comunidade internacional. Para "defender" essas posições, disse estar preparado para usar "todos os meios", depois de anunciar a convocação de mais 300 mil soldados. A ameaça de Putin, na quarta-feira, 21, representou a maior escalada do conflito desde a invasão, em 24 de fevereiro, e se segue a uma série de humilhantes derrotas militares.

Nem no auge da Guerra Fria os soviéticos ousaram sacar seu arsenal atômico. O temor é que o russo use bombas nucleares táticas, com potencial mais restrito e menor efeito residual. Por isso, Putin vê diminuir o pequeno apoio internacional que ainda detém (da China, principalmente). O alerta sobre um desastre nuclear sem qualquer precedente rodou o planeta como um rastilho de terror, provocando reações imediatas. Na Assembleia Geral da ONU, em Nova York, Joe Biden advertiu Putin que "uma guerra nuclear não tem vencedores e, portanto, nunca deve ser travada". Acusou o Kremlin de violar descaradamente os princípios de adesão às Nações Unidas com a invasão da Ucrânia e disse que a ameaça nuclear é irresponsável. "A guerra na Ucrânia é brutal e desnecessária, decidida por um homem." Ao mesmo tempo, pediu pelo "fortalecimento de acordos de não-proliferação nuclear por vias diplomáticas".

Na Rússia, o movimento antiguerra Vesna convocou manifestações, divulgando nota de que "Você não precisa morrer por Putin. Você é necessário na Rússia por aqueles que amam você. Para as autoridades, você é apenas bucha de

TOM ACIMA Analistas detectaram ameaça mais séria de Vladimir Putin; Joe Biden disse que "guerra nuclear não tem vencedores e, portanto, nunca deve ser travada"

canhão". Prisões em massa foram feitas, logo após Putin anunciar a mobilização por mais tropas. Em poucas horas não havia mais vaga em voos para fora do Rússia, rumo a Geórgia, Turquia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão e Quirguistão (basicamente, países onde vistos não são necessários para russos). O presidente ucraniano Volodymyr Zelenskiy disse que "o mundo não vai permitir que a Rússia use armas nucleares". Também afirmou que negociações de paz só acontecerão se Putin retirar suas tropas da Ucrânia.

BLEFE E FRAQUEZA?

Os gestos de Putin foram encarados com apreensão, mas também como um sinal de fraqueza. Peter Stano, porta-voz da Comissão Europeia, garantiu que os "referendos falsos e ilegais de Luhansk, Donestsk, Kherson e Zaporizhzhinia não serão reconhecidos". Jens Stoltenberg, o secretário-geral da OTAN, criticou a retórica nuclear "perigosa e imprudente". Para o ex-secretário da aliança militar, Robertson de Port Ellen, ela "esconde fraqueza". A mesma leitura fizeram Ursula Von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, e Liz Truss, primeira-ministra do Reino Unido. As duas divulgaram nota conjunta na ONU, dizendo que as declarações de Putin indicavam que a invasão russa está se fragilizando. Para o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, a ameaça de Putin foi um "ato de desespero".

Além da resposta contundente de Biden, que já havia ameaçado com uma resposta "proporcional" diante do uso de armas de destruição em massa, as nações que já sofreram a ocupação soviética, como os países bálticos, foram as mais enfáticas contra a nova intimidação. A Lituânia quer sua força de reação rápida em alerta máximo e a Finlândia disse que os 1.300 quilômetros de fronteira com a Rússia estão sendo monitorados de perto por forças bem preparadas. Enquanto a sociedade russa não consegue reagir a Putin, que aproveitou o conflito para calar a oposição e reprimir a imprensa, resta à comunidade internacional mostrar que ele mesmo poderá ser vítima de sua aventura imperial. ■

LIDERANÇAS CLASSIFICAM AMEAÇA NUCLEAR COMO INACEITÁVEL

"Aqueles [países] que hoje se calam servem a um novo imperialismo"
Emmanuel Macron, presidente francês

"A lei deve vencer a força e a força nunca pode ser mais forte que a lei"
Olaf Scholz, primeiro-ministro alemão

"Faremos tudo o que pudermos para que a Otan apoie mais a Ucrânia"
Mateusz Morawiecki, primeiro-ministro polonês

"Putin faz uma aposta perigosa, parte de seu arsenal de terror"
Peter Stano, porta-voz da Comissão Europeia

FOTOS: ALEXANDER NEMENOV/AFP; RUSSIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE/AP; ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP

Cultura

LIVROS **por Felipe Machado**

Segundo volume da monumental trilogia de Reiner Stach, *Kafka: Os Anos Decisivos* aborda o período mais produtivo do escritor tcheco, entre 1910 e 1915, quando criou *A Metamorfose* e *O Processo*

Kafka
UMA VIDA GENIAL

Uma biografia mediana sobre um grande personagem é algo comum, mas um relato com alta qualidade literária sobre um igualmente gênio da literatura é raridade. Pois foi isso que o pesquisador alemão Reiner Stach alcançou em *Kafka: Os Anos Decisivos,* uma daquelas obras que merecem o adjetivo de monumental. Segundo e principal de uma trilogia, o livro aborda um período curto da vida do autor tcheco - apenas cinco anos. No caso de Franz Kafka, no entanto, foi o tempo suficiente para que ele criasse algumas das obras mais importantes da literatura mundial. Entre 1910 e 1915, esse advogado e filho de comerciante decidiu levar a sua escrita a sério, dando início a uma trajetória genial. Fugindo do clichê "kafkaniano", associado a situações paradoxais em que o protagonista se vê diante de um impasse ilógico do qual não consegue escapar, Stach prima pela objetividade. Isso não significa que sua obra seja simplista, pelo contrário: a narrativa é elegante, límpida e repleta da contextualização psicológica que só um grande conhecedor de Kafka seria capaz. A clareza de estilo é fruto de sua heterodoxa formação: Stach é filósofo e matemático, além de literato. Passou mais de uma década trabalhando

AMIZADE
Felice Bauer: ela e Kafka chegaram a ficar noivos duas vezes, mas a relação carecia de afeto e intimidade

OBSESSÃO
Franz Kafka: para cada página escrita que ele considerava aceitável, dez eram descartadas

RACIONAL
Max Brod: desobedeceu o testamento de Kafka, que exigia que ele queimasse seus diários e manuscritos

MESTRE
Rainer Stach: o seu estilo único é fruto da formação heterodoxa como filósofo, literato e matemático

com milhares de páginas de diários, cartas e fragmentos literários, muitos deles inéditos. Esse estudo permitiu ao autor chegar a minucioso nível de detalhamento da vida de seu biografado. É bom lembrar que, segundo a determinação testamentária de Kafka ao seu melhor amigo, Max Brod, todos esses manuscritos deveriam ter sido queimados. O próprio Kafka destruiu uma quantidade considerável de cadernos, Brod, para nosso deleite, desobedeceu as instruções após a sua morte e publicou todo o material.

Stach é o primeiro a elucidar o "enigma Kafka" por uma razão simples: foi ele quem descobriu o espólio de Felice Bauer, judia de Berlim com quem Kafka trocou farta correspondência. Foram mais de 500 textos, entre cartas e postais. Os dois não chegaram a se casar, mas ficaram noivos duas vezes, sendo que o último compromisso foi cancelado pouco antes do início da Primeira Guerra. Kafka ainda ficaria noivo de Julie Wohryzek, secretária de Praga.

A relação com Felice sempre se deu de forma instável. Não havia intimidade entre o casal. Ambos viviam em países diferentes e não sentiam vontade de estarem juntos. Stach narra o envolvimento com delicadeza: "Os dois dançam um minueto complicado, mas não gracioso. Um passo à frente, dois atrás, um baile de fantasmas sem toque e de uma lentidão peculiar. Estava claro que havia uma preponderância sufocante do imaginário sobre a realidade: ambos se alimentam de fantasias". Kafka, inclusive, registrou suas dúvidas em um curioso texto de seu diário, em que elenca motivos a favor e contra o casamento. No item inicial, cita a dificuldade de suportar a vida sozinho: "Não se trata de incapacidade de viver, ao contrário, é mesmo improvável que eu saiba viver com alguém, mas sou incapaz de suportar as investidas de minha própria vida, as exigências que me imponho, as ofensivas do tempo e da idade, o vago afluxo da vontade de escrever, a insônia, a proximidade da loucura - sou incapaz de suportar tudo isso sozinho". Na sequência, engata opinião contrária: "Sozinho, um dia eu talvez possa de fato deixar meu emprego. Casado, isso jamais será possível".

SOLIDÃO

Apesar da vida social e da profissão aceitável - foi chefe em uma empresa de seguros -, Kafka teve uma trajetória limitada aos olhos de hoje. Aos trinta anos, ainda morava com os pais. À exceção de alguns meses, passou a vida inteira na mesma cidade com um pequeno círculo de amigos. Compensava o tédio com natação, ginástica, remo, jardinagem, descanso em sanatórios, modestos excessos nas tabernas de Praga. Isso sem contar o hábito de escrever, obviamente, que via como o verdadeiro foco de sua existência. "Escrever o acalmava e o estabilizava; quando escrevia um texto que dava certo, ficava feliz e autoconfiante", narra Stach. O biógrafo lembra, porém, que seu perfeccionismo beirava a obsessão. "Para cada página manuscrita que considerava digna de ser preservada, havia dez ou vinte páginas que ele queria ver destruídas."

Stach descreve com prazer a primeira vez em que Kafka se sentiu confortável com um texto: "Numa noite insone, em 1912, senta-se à escrivaninha e atravessa a madrugada trabalhando, colocando o ponto-final na narrativa quando os primeiros raios de sol surgem na janela". Finalizara *O Veredicto*, primeira das três grandes obras que concluiria até 1915 - *A Metamorfose* e *O Processo* seriam as outras. Ambas são provas inegáveis de seu talento, que seguiria inabalável em uma vida que durou "quarenta anos e onze meses, até a morte por tuberculose na laringe em um sanatório perto de Viena". Um fim solitário, como foi sua vida. ■

Kafka: Os Anos Decisivos
Editora Todavia
656 págs.
Preço: R$ 113

FOTOS: PAUL ZINKEN/DPA/AFP; ISTOCKPHOTOS; REPRODUÇÃO

Marilyn Monroe para sempre

Baseado no livro de Joyce Carol Oates e com Ana de Armas no papel principal, o filme ***Blonde*** conta a transformação da órfã Norma Jean Baker na maior estrela da história de Hollywood

Felipe Machado

Era a mulher mais famosa do mundo. E era a mulher que sentia a mais solitária do mundo. É assim que a atriz Ana de Armas define a personagem intepretada por ela na aguardada cinebiografia *Blonde*, que estreia na próxima quarta-feira, 28, na Netflix. Inspirado no best-seller de Joyce Carol Oates, o filme sobre a vida de Marilyn Monroe narra a improvável trajetória de uma garota tímida – cuja mãe fora internada à força com problemas mentais –, mas que, apesar das dificuldades, acabou se tornando, graças ao seu tantolo, a maior estrela de todos os tempos da história do cinema norte-americano.

Norma Jean Baker tinha sete anos quando foi abandonada por um tutor no orfanato de Los Angeles. Sairia dali apenas aos 16, para se casar com seu primeiro marido, o policial James Dougherty, oportunidade que aproveitou para escapar do local. Quatro anos depois, após dar os primeiros passos como modelo, divorciou-se e começou uma vida nova. Seu desejo por iniciar uma história totalmente diferente era tão grande que a primeira coisa que fez foi apagar o próprio nome: adotou o pseudônimo Marilyn Monroe e mudou-se para Hollywood. Aos 24 anos foi escalada para uma ponta em *A Malvada*, filme que chamou a atenção da indústria após ganhar 14 Oscars, em 1950. Quando a câmera do diretor Joseph Mankiewicz encontrou o rosto da Srta. Caswell, personagem da charmosa novata, houve um alinhamento dos astros: nascia ali uma história de amor entre o público e a grande estrela, que só terminaria em 5 de agosto de 1962, quando seu corpo foi encontrado após uma overdose de barbitúricos.

O primeiro grande sucesso de Marilyn veio com *Torrentes de Paixão*, de 1953. Logo surgiram *Os Homens Preferem as Loiras*, *Como Agarrar um Milionário* e *O Pecado Mora ao Lado*, além de *Quanto Mais Quente Melhor*, seu melhor papel. Após Dougherty houve outros dois relacionamentos, ambos complicados: o primeiro foi com o "Pelé" do baseball, Joe DiMaggio (Bobby Cannavalle, no filme); o segundo, com o premiado dramaturgo Arthur Miller (Adrien Brody), de *A Morte do Caixeiro Viajante* – isso sem contar o período como amante de John F. Kennedy (Caspar Phillipson). Em relação a ele, há algo perturbador: o suposto estupro pelo então presidente dos EUA é uma das cenas que têm recebido críticas nos festivais em que o filme concorreu.

SÓSIA
Ana de Armas como Marilyn Monroe: o maior desafio foi imitar a voz

OS HOMENS E A LOIRA
Cena de *Blonde*: retrato fiel dos anos 1960

Ana de Armas, protagonista de *Blonde*, chama a atenção não apenas pela semelhança física, mas pela encarnação dos trejeitos da homenageada. É o papel de sua vida - e a cubana de 34 anos sabe disso. Ela conta que o primeiro passo foi encontrar o registro vocal característico, agudo, que era a marca registrada da estrela. "Para mim, a voz foi o aspecto mais assustador da transformação", afirma Ana. "Foi um processo desafiador que começou assistindo aos filmes e ouvindo entrevistas. Depois precisei encontrar referências fora dos momentos captados pelas câmeras, o que foi mais difícil. Ela era uma pessoa assustada, insegura. Pensava muito antes de falar porque sentia que tinha sempre que dizer algo inteligente. Sua entonação era típica de alguém que queria se aproximar das pessoas. Ela precisava disso porque nunca foi próxima de ninguém."

A autora Joyce Carol Oates também falou sobre a adaptação de seu livro: "*Blonde* é fantástico porque não é o que eu esperava. É atmosférico e poderoso. A performance de Ana é inesquecível, lembrando as atuações de Charlize Theron em *Monster* e Robert DeNiro em *Touro Indomável*, ambos vencedores de Oscars". Ela diz mais: "Quando Andrew me mandou o roteiro, vi que ele compreendeu o conflito central da história. Marilyn Monroe foi uma invenção brilhante de Norma Jean Baker, que salvou sua vida, inicialmente, mas que depois a engoliu." ■

ANDREW DOMINIK
Diretor

"A ATRIZ TINHA UMA PERSONALIDADE AUTODESTRUTIVA"

O que o levou a adaptar o premiado livro de Joyce Carol Oates?
É difícil dizer. Foi algo subjetivo, como amor à primeira leitura. Fiquei atraído pela oportunidade de mostrar como um trauma de infância pode afetar a vida adulta. As pessoas acham que o filme é provocativo, mas tentei apenas relatar as experiências da atriz de maneira autêntica.

Era fã dos filmes de Marilyn?
Não. Eu tinha uma visão superficial dela, mas estava errado. Em *O Príncipe Encantado*, Marilyn oferece uma das melhores atuações que já vi. Temos de lembrar que se tratava de uma criança que veio do orfanato e se tornou a maior estrela do mundo. Tinha, porém, uma personalidade autodestrutiva.

Ana de Armas está excelente. Quando percebeu que ela era ideal?
É sempre instintivo, como se apaixonar pela pessoa certa no momento em que ela entra pela porta. Ana e Marilyn são pessoas muito diferentes. Ana foi criada para vencer, enquanto Marilyn, não. No fundo, atuar não é sobre acertar, mas sobre errar revelando a verdade.

O que Marilyn teria achado do filme?
Acredito que ela compreenderia que foi algo feito com amor. Tentei observar o mundo por meio de seus olhos, e com isso aprendi sobre sua vida. Ela logo entendeu que as pessoas se relacionavam com uma fantasia, não com uma mulher de carne e osso.

VENENOSA Samantha Morton como Catarina de Médici: hora certa para o bote

SÉRIE

A mais vingativa das rainhas

The Serpent Queen conta a história de Catarina de Médici, monarca francesa cuja trajetória mudou a Europa no século XVI

Quem gosta de ficção inspirada em fatos reais vai se deliciar com *The Serpent Queen*, superprodução do streaming Starzplay inspirada na história de Catarina de Médici, uma das mais poderosas - e perigosas - rainhas da história da Europa. Com Samantha Morton no papel principal, a série é contada por meio de flashbacks, onde a vingativa monarca francesa lembra sua trajetória de conquistas e vingança contra seus inimigos. A trama se passa no século 16, quando a jovem italiana de 14 anos, casa-se por interesse e entra para a luxuosa corte europeia. Apesar de órfã, consegue obter um bom dote: afinal, ela é sobrinha do papa Clement VII, que a usa como moeda de troca para seu próprio sucesso nas negociações políticas. Descobrir que seu marido está apaixonado por uma mulher mais velha, Diane de Poitiers (papel de Ludivine Sagnier), é a primeira decepção de Catarina. Mesmo assim, ela tem a frieza necessária para manter o casamento sem abrir mão de sua condição privilegiada. A partir daí, nunca mais confiará em ninguém, e manipulará sua comitiva pessoal e os membros da família real para atender aos seus caprichos. Baseada no livro de Leonie Frieda, a produção dirigida por Stacie Passon explica a origem do apelido 'rainha serpente": ela sabia a extensão do seu poder e sempre aguardava a hora certa para dar o bote.

DOMINA: A BRUXA DE ROMA

Série sobre mais uma personagem histórica estreia no streaming: *Domina* (HBOMax) conta a história de Livia Drusila (Kasia Smutniak, foto), mulher do primeiro imperador romano, César Augusto. Como se espera em uma trama sobre esse período, a produção tem sexo e violência em abundância. Em busca de poder, Livia não tinha limites: envenenou membros da família e o próprio marido para ficar no trono. Graças a sua crueldade, era chamada de 'Bruxa de Roma".

por Felipe Machado

PARA LER

O psiquiatra Daniel Martins de Barros pesquisou as mais recentes descobertas científicas sobre o humor para elaborar ***Rir é Preciso***. O autor fala sobre a importância do riso como fator amenizador dos problemas humanos e como o ato de rir pode melhorar a saúde mental.

PARA VER

Produzido por Oprah Winfrey, ***O Legado de Sidney Poitier*** (AppleTV+) conta a história do primeiro ator negro a ganhar o Oscar. O documentário sobre o astro de *Ao Mestre com Carinho* traz depoimentos de Robert Redford, Halle Berry, Denzel Washington e Spike Lee, entre outros.

PARA OUVIR

Vestido de amor, novo álbum de **Chico César**, tem como destaque o reggae *Bolsominions*, dura crítica ao presidente Jair Bolsonaro. Há ainda uma rica parceria com os músicos africanos Salif Keita e Ray Lema.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; RODRIGO PIRIM; STEPHANIE MIRANDA; KIM WILLIAMS

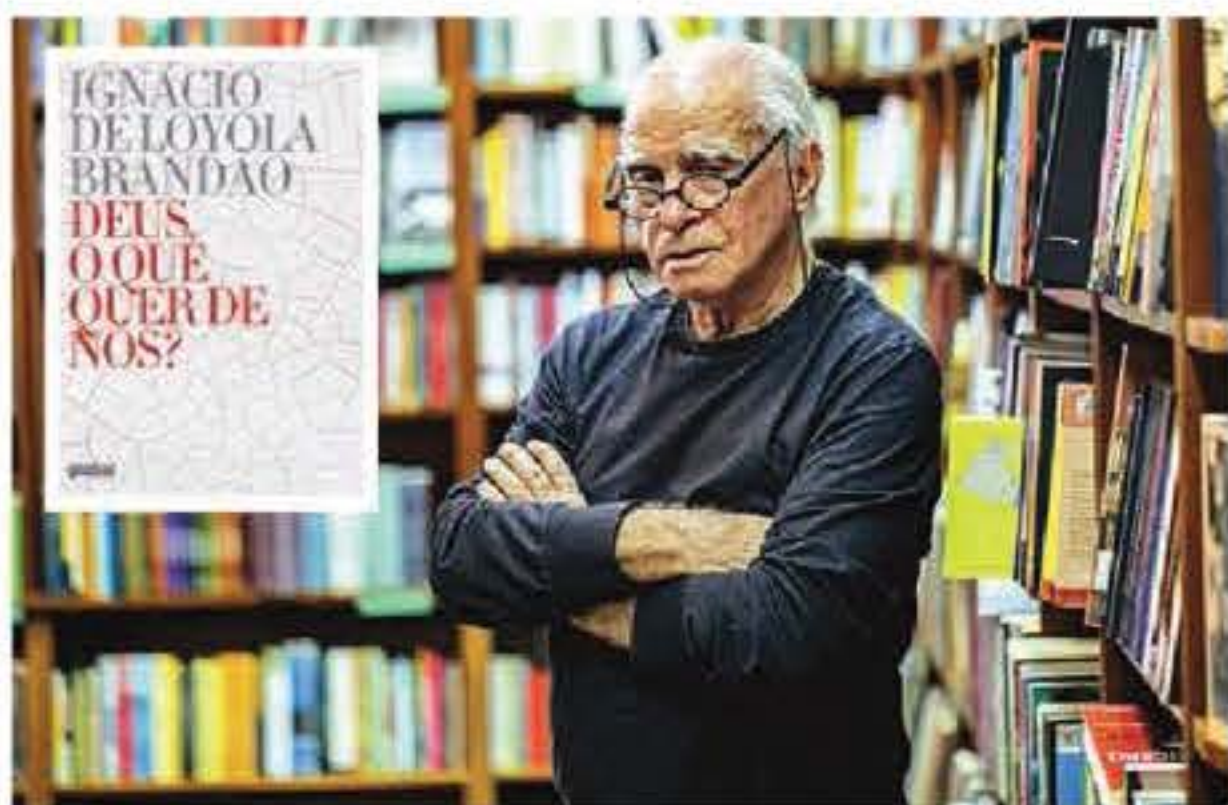
DANÇA

O "Oscar" de Deborah Colker

Considerada uma das maiores coreógrafas da atualidade, Deborah Colker ganhou o *Prix Benois de la Danse*, o "Oscar" da dança, pela criação de ***Cão Sem Plumas***. Inspirado no poema homônimo de João Cabral de Melo Neto, o espetáculo reestreia no Teatro Alfa, em São Paulo, em temporada que vai de 28/9 a 2/10. "É uma experiência sobre o inconcebível. É contra a destruição da natureza, fruto da ignorância humana", diz Deborah. Na trilha sonora, dois pernambucanos que fizeram parte do movimento *Mangue Beat*: Lirinha e Jorge Du Peixe.

CINEMA

As aparências sempre enganam

Chega às telas um thriller psicológico estrelado pelo cantor/ator Harry Styles e a atriz Florence Pugh: ***Não se Preocupe, Querida***. Dirigido por Olivia Wilde, narra o dia a dia de uma cidade (aparentemente) perfeita nos anos 1950. Nessa sociedade utópica, as esposas são donas de casas exemplares que recebem os maridos após o trabalho com jantares sofisticados e animadas confraternizações. Vivem em função do *Projeto Vitória*, plano que ninguém pode discutir em público. Aos poucos, elas descobrem a realidade – e sofrem as consequências.

LITERATURA

A pandemia na visão do mestre

Há 40 anos, um dos maiores escritores brasileiros lançava *Não Verás País Nenhum*, distopia apocalíptica que se tornou um clássico, da mais alta qualidade, contra a ditadura militar em vigor à época. **Ignácio de Loyola Brandão** (foto) está de volta ao formato, melhor que nunca, com *Deus, o que Quer de Nós?*, trama que remete de forma irônica à crise da pandemia no Brasil. O autor apresenta o período pelos olhos de Evaristo, cidadão que acaba de perder a esposa, Neluce, vítima do vírus.

SHOW

Rock pesado no Allianz Parque

A turnê da banda liderada pelo vocalista Axl Rose e o guitarrista Slash (foto) pelo Brasil passou como um furacão no *Rock in Rio*, no início de setembro. A temporada brasileira, a 9ª dos roqueiros pelo País, inclui ainda shows em mais nove cidades. Nesse sábado (24/9) é a vez de São Paulo: o **Guns 'N' Roses** se apresenta para um público de 50 mil pessoas. No repertório, sucessos de todas as fases do grupo, de *Appetite for Destruction* a *Chinese Democracy*, o álbum mais recente.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

O ORGULHO NACIONAL

Tem gente que reclama que a propaganda eleitoral é tudo a mesma coisa.

Mas como esperar propagandas diferentes para vender soluções para os mesmos problemas?

Problemas como a Economia em crise; a Educação abandonada; a Saúde aos frangalhos; a Segurança Pública um caos; a cultura esquecida; o saneamento beirando o inexistente e a imagem do Brasil lá fora, dilacerada.

O que varia é apenas a duração do programa e, claro, o recado final de cada candidato.

Arrisco um roteiro:

Câmera abre com uma cena de drone sobrevoando uma comunidade carente.

Crianças brincam no esgoto a céu aberto, a trilha é um piano bem triste, de fazer carcereiro chorar de emoção.

O locutor, em voz grave, localiza a cena numa comunidade próxima a um centro urbano, ou na caatinga, tanto faz.

Corta para uma senhora, em roupas humildes, mas com as feições cativantes de uma Tia Anastácia, afirmando que ela e sua família apenas sobrevivem, abandonadas pelo Estado.

A trilha sobe com a adição da sessão de cordas da orquestra.

Recortes de manchetes de sites e jornais comprovam o que a eleitora acabou de expor.

Um senhor, num bar, lembra como era diferente quando o candidato em questão era prefeito, governador ou presidente.

Uma criança, puxando uma carroça diz que tem muita saudade de quando podia estudar. Uma mãe lembra de quando todos tinham vagas nas escolas.

Entra o candidato, no meio da comunidade, cercado de gente querendo tirar uma selfie.

Ele ergue um bebê sujo de lama. Câmera fecha em seu sorriso. Congela.

O povo grita seu nome. Uma mulher chora ao ver o candidato tão de perto.

Fade out.

Fade in numa reunião de banqueiros ou sindicalistas, na FIESP ou num sindicato.

Todos escutam, comportados, o candidato apresentando um power point com seu plano econômico, criado pelo mesmo grupo responsável pelos anos de maior crescimento de nossa economia.

Close quando um banqueiro, ou um líder sindical, faz que sim com a cabeça e aplaude.

Entram cenas do candidato abraçando Obama, a rainha, Putin ou passeando por Paris.

É o Brasil respeitado no mundo todo.

Chega o segmento das obras que realizou. Muito concreto agora. Rodovias, pontes, portos, estradas de ferro. Numa cena de helicóptero em uma plataforma da Petrobras, centenas de operários acenam para a câmera.

Salta para o inevitável trecho sobre o Meio Ambiente. Aéreas do Rio Amazonas e da selva a perder de vista.

O candidato entre os indígenas, dança a cerimônia da amizade. E, ao fundo, uma criança num laptop.

A propaganda eleitoral é a prova de que o seu dinheiro foi bem aplicado

É nesse ponto que, finalmente, o programa se diferencia, com cada candidato dando seu último recado.

Felipe D'Avila joga um balde de tinta laranja do alto de um prédio na Avenida Paulista. Ninguém entende a razão, mas a cena é linda, em câmera lenta.

Soraya diz que é a única candidata honesta desde D. Pedro II, que apoiar Bolsonaro é coisa do passado e que todo mundo tem direito de mudar de opinião.

Tebet aparece numa sala de aula dizendo que não vai levar desaforo para casa e que seus números não param de crescer. Mostra os mesmo números da semana anterior.

Ciro diz que vai fechar o Serasa para que todo brasileiro possa gastar dinheiro à vontade, sem medo de sujar seu nome.

Lula alega que a Lava-Jato foi uma farsa e que a ONU o inocentou. Num suposto erro de edição, trocam sua imagem pela de Gandhi.

Bolsonaro beija a Michelle durante culto evangélico, num palanque e, no churrasco apela para o coração, que é sua marca registrada.

Propaganda eleitoral. Tudo igual, mas com aquele toque final que convence quem já está convencido.

E você pode ficar feliz, afinal, pagou por tudo isso.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista